

*“O Senhor vos enviou por todo o mundo para...”*

# O REINO DE DEUS ESTÁ PRÓXIMO

Orientações  
para a Evangelização Missionária Franciscana



SECRETARIADO GERAL  
PARA AS MISSÕES E A EVANGELIZAÇÃO

ROMA 2020

# Abreviações e siglas

## Sagrada Escritura

1Jo - Primeira Carta de João  
1Pd - Primeira Carta de Pedro  
1Tm - Primeira Carta a Timóteo  
2Cor - Segunda Carta aos Coríntios  
At - Atos dos Apóstolos  
Ef - Carta aos Efésios  
Fl - Carta aos Filipenses  
Is - Isaías  
Jo - João  
Lc - Lucas  
Mc - Marcos  
Mt - Mateus

## Fontes Franciscanas

Ad - Admoestações  
AP - Anônimo Perusino  
Cnt - Cântico do Irmão Sol  
1Cel - Primeira Vida de Tomás de Celano  
2Cel - Segunda Vida de Tomás de Celano  
1Cl - Primeira Carta aos clérigos  
2Cl - Segunda Carta aos clérigos  
2Fi - Segunda Carta aos Fiéis  
LM - Legenda Maior  
LTC - Legenda dos Três Companheiros  
Ord - Carta a toda a Ordem  
RB - Regra Bulada  
RnB - Regra não Bulada  
Test - Testamento

## Outros Documentos

AG - Ad Gentes  
CCGG - Constituições Gerais  
CL - Christifideles Laici  
CPO - Conselho Plenário da Ordem  
DAp - Documento de Aparecida, V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe  
EG - Evangelii Gaudium  
EEGG - Estatutos Gerais  
EN - Evangelii Nuntiandi  
GS - Gaudium et spes

JPIC - Justiça, Paz e Integridade da Criação

LS - Laudato si'

QA - Querida Amazônia

RFF - Ratio Formationis Franciscanae, Cúria Geral, Roma 2003

RM - Redemptoris Missio

SCMF - Seguidores de Cristo para um Mundo Fraternal, Guia para aprofundamento das prioridades da Ordem dos Frades Menores (2003-2009)

Sdp - O Senhor te dê a paz (Documento final do Capítulo de 2003)

VFC - Vida fraterna em comunidade, CIVSVA, 1994

## INTRODUÇÃO

O SGME (Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização), incentivado pelo pedido dos frades capitulares reunidos em Assis em 2015, para elaborar linhas diretivas para a evangelização missionária, válidas para toda a Ordem, elaborou este subsídio como orientações. O desafio de encontrar diretrizes adaptadas e aplicáveis à toda Ordem é difícil e de alto nível, levando-se em conta o ambiente sociocultural, ecológico e religioso único no seu gênero com relação às diversas problemáticas e aos diversos contextos evangelizadores que cada entidade e/ou conferência deve enfrentar.

Para iniciar este esforço, todos os secretários para as Missões e a Evangelização das diversas entidades, através dos secretários da Conferência, foram consultados e convidados a elaborar um relatório sobre as realidades existentes (luzes e sombras) e sobre os desafios em realizar a missão evangelizadora. São os relatórios deles que levamos em consideração na redação do subsídio. Emergiu uma série de preocupações e realidades diversificadas: certamente, no correr dos séculos, e também hoje notamos que os franciscanos trabalharam e trabalham em muitas atividades que dificilmente podem ser totalmente sintetizadas e tratadas neste subsídio. No entanto, se vê que o modo de viver e de realizar as atividades missionárias e de evangelização deve proceder com o mesmo carisma. A presença dos missionários evangelizadores deverá ser sempre significativa, difundindo a alegria do Evangelho e fazendo resplandecer o nosso carisma. Não deveremos nunca ser sempre iguais, pelo contrário, deveremos ser sempre mais vivazes, sempre mais renovados do melhor modo possível, manifestando o Reino de Deus e semeando esperança, dada a multiplicidade de cada um dos nossos contextos.

O lugar concreto em que cada frade se encontra na sua atividade não deve ser entendido antes de tudo como o lugar em que será levada uma mensagem ou um projeto, mas antes como o lugar em que a missão evangelizadora será vivida. A atividade missionária evangelizadora resulta de um estilo de vida evangélica, onde quer que se encontrem os membros da Ordem.

Este subsídio procura expor e rever alguns dos princípios importantes e fundamentais das nossas missões evangelizadoras, os desafios e os cenários que a Ordem enfrenta hoje, para guiar e inspirar os frades a reivindicarem a novidade da nossa missão evangelizadora franciscana, levando-se em conta as nossas realidades existentes. Os temas escolhidos ajudam-nos a compreender o que é próprio do nosso carisma franciscano e quais são as prioridades com relação às origens da vocação missionária de São Francisco. São oferecidos também uma metodologia franciscana para elaborar a evangelização e planos missionários que deem inspiração à legislação da Ordem e ao apelo de renovação pedido pelo Magistério, particularmente pelo do Papa Francisco endereçado a uma Igreja mais aberta, orientada para fora de si mesma e mais próxima às pessoas em cada lugar (como vem evidenciado na sua exortação *Evangelii Gaudium*) e, enfim, a uma rápida visão da nossa estrutura organizativa SGME e do desafio que essa coloca.

Este subsídio pode ser útil para a formação de todos os frades, sobretudo para ajudá-los a responder aos tempos atuais, à luz da legislação da Ordem. Porque é impossível elaborar um manual completo da missão e da evangelização, estas orientações deveriam ser consideradas de modo a guiar e inspirar os frades a um estudo aprofundado em cada área e em cada realidade em que vivem e trabalham pessoalmente

e/ou comunitariamente. A bibliografia sobre a missão e a evangelização é abundante em diversas línguas, pelo que todos têm o dever de atualizar-se e aprofundar tanto os vários temas tratados nesta área e/ou realidade em evolução como os novos desafios a que devemos responder, com abertura às sugestões do Espírito e guiados pelo exemplo do nosso seráfico pai Francisco. Somos conscientes de que viver, evangelizar e fazer missão de modo franciscano não é estabelecido por um documento, mas é uma construção experiencial muito mais profunda. Portanto, este subsídio quer ser uma ajuda e um impulso à reflexão e à organização.

Com gratidão, fazemos referência ao curso para os missionários, realizado em Bruxelas juntamente com os nossos confrades capuchinhos e conventuais. As temáticas vêm inseridas no texto como exemplo a levar em consideração, quando se decide pelo conteúdo formativo como também um plano concreto de evangelização missionária. A estas temáticas possamos facilmente fazer referência na redação do nosso projeto. Finalmente, conscientes das “diretrizes” já existentes nas diversas dioceses em que os frades vivem e trabalham, desejamos que a missão evangelizadora franciscana esteja em primeira linha lá onde ainda há a realizar e a construir uma Igreja “atualizada” capaz de dialogar com outros cristãos, com as outras religiões e com o mundo. A missão evangelizadora franciscana requer um trabalho em harmonia com a Igreja local, sem, porém, nunca perder a audácia do Evangelho.

O conselho Plenário da Ordem de 2018 insistiu que *“desejamos ser fiéis ao espírito do nosso fundador, vivendo hoje como frades e menores. São Francisco, no seu Testamento, exorta-nos a fazer continuamente memória da nossa vocação a ser uma fraternidade contemplativa em missão”*, de acordo com as CCGG 116, 1 (cf. CPO 2018, 176). E continua: *“Desejamos sonhar e ao mesmo tempo ser profetas de esperança, capazes de anunciar o Evangelho para a construção do Reino, denunciando e combatendo as situações concretas de injustiça e de violência do mundo atual. Esta atitude nos fará dar muito fruto como pessoas consagradas que somos, sobretudo protegendo-nos da tentação que poderia tornar estéril a nossa vida consagrada, como também a definiu Papa Francisco: a tentação da sobrevivência (cf. Homilia de Papa Francisco, Basílica Vaticana, 2 de fevereiro de 2017). A preocupação da sobrevivência paralisa-nos, torna-nos temerosos, lentamente e sem que nos apercebamos, fecha-nos nas nossas casas e nos nossos esquemas. Queremos ter um coração contemplativo, capaz de discernir como Deus caminha pelas estradas das nossas cidades e dos nossos bairros, presente entre as pessoas e por toda parte, em toda a criação”* (CPO 2018, 177).

# A NOSSA MISSÃO EVANGELIZADORA

## “Difundir o dom do Evangelho”

O evangelista João apresenta Jesus como o enviado (missionário) pelo Pai. Ele próprio, por sua vez, envia os seus discípulos (cf. Jo 20, 21). Assim também nos sinóticos: é o Ressuscitado que os envia a todo o mundo (cf. Mt 28, 19-20; Mc 16, 15; Lc 24, 47-48). O projeto do Pai de salvar a humanidade e o seu amor infinito para com os seus filhos e filhas concretizam-se no enviar o seu único Filho para que “*todos tenham a vida eterna*” (cf. Jo 3, 16) e “*a tenham em abundância*” (cf. Jo 10, 10).

O Reino de Deus é o projeto do Pai e de Jesus. Este está no centro da missão. Jesus iniciou a construção do Reino com o ensinamento e com o testemunho. Pregou a busca do Reino e da sua justiça (cf. Mt 6, 33; 10, 7; Lc 4, 43), um Reino que chegou ao povo de Deus (cf. Mt 12, 25-28), mas que é exposto também à violência (cf. Mt 11, 12 ss). E, visto que Deus é o soberano de todos os povos, o seu Reino é aberto a todas as nações (cf. Mt 13, 32 ss). O seu Reino é um Reino celeste do bem e da justiça (cf. 2Cor 6, 14 ss).

Concretamente, os sinais do Reino de Deus podem-se reconhecer nas atitudes de amor, misericórdia, perdão, justiça, paz, fraternidade e solidariedade para com os outros e para com toda a criação. Quando se der a construção do Reino, Deus “*conseguirá reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos*” (EG 180).

Do mestre Jesus os Apóstolos recebem a missão de proclamar, por sua vez, o Evangelho do Reino (cf. Mt 10, 7 ss). Por isso, depois de Pentecostes, o Reino permanece o tema central da pregação dos Apóstolos e de São Paulo (cf. At 19, 8; 20, 25; 28, 23-31).

Os Franciscanos, depois de ter feito voto de castidade pelo Reino (cf. Mt 19, 21), de acordo com as Constituições (art. 9, 1), são enviados ao mundo: “*Para isto vos enviou ao mundo*” (cf. Carta a toda Ordem). As mesmas Constituições fazem referência à origem divina do mandato que quer os franciscanos como anunciadores do Evangelho e do Reino de Deus (cf. CCGG 83; 84) com a alegria permanente de testemunhas do Cristo Ressuscitado.

A Ordem estabeleceu cinco prioridades que ajudam em como fazer para guiar os frades na vida, na formação e nas missões evangelizadoras, todos chamados e enviados a anunciar o Evangelho em todo o mundo. Estas prioridades continuam sendo “*a chave para ler como viver a nossa identidade e compreender as expectativas do mundo*” (Sdp 4) e “*um estímulo a tornar-nos sinais de esperança e profetas no mundo atual*” (SCMF p3) enquanto proclamamos o Reino. No contexto das nossas missões evangelizadoras revejamos estas prioridades:

### 1. Espírito de oração e devoção

Como Frades Menores, não podemos ser homens em caminho com Jesus e com os pobres, se não fizermos de toda a nossa existência um caminho para Deus através da nossa vida de oração, se não caminhamos com os irmãos da nossa fraternidade e se as nossas escolhas cotidianas não colocam raízes na autêntica tradição da Ordem e na

espiritualidade franciscana (cf. Sdp 36abc). *“E Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Todo poder me foi dado no céu e na terra. Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”* (Mt 28, 18-19).

O capítulo V das nossas Constituições Gerais sublinha o chamado de todos os frades como *“enviados a anunciar o Evangelho em todo o mundo, participando da tarefa da evangelização, prontos a receber a inspiração do Senhor”* (cf. CCGG 83, § 1-2), *“dedicando-se à comunhão fraterna através da sua vida contemplativa e penitencial e das várias tarefas que desenvolvem através do testemunho de uma simples presença franciscana”* (cf. CCGG 84), *“buscando aquela mesma comunhão fraterna com toda a humanidade baseada na oração e na penitência como testemunho do Evangelho e sinal profético”* (cf. CCGG 86), com a condição de que *“produzam eles mesmos por primeiro dignos frutos de penitência, sabendo que ninguém pode evangelizar, se primeiro não se deixa evangelizar”* (CCGG 86).

Portanto, a oração, a leitura e a meditação da Palavra, o encontro pessoal com Cristo deverão fazer-nos compreender que os franciscanos consagrados são chamados a viver entre o povo de Deus, *“inter gentes”, porque no fundo decidiram estar com os outros e ser para os outros* (cf. EG 273-273) *“com a bênção de Deus”* (CCGG 99).

Enfim, a nossa identidade carismática como *“fraternidade contemplativa em missão”* (cf. CPO 2018, 92-105) nos sustenta como Igreja, povo de Deus que se deixa evangelizar, praticando e anunciado a vida histórica de Jesus na construção do Reino, e nos incita *“como peregrinos e forasteiros neste mundo”* (RB 6, 2); Test 24), ouvintes atentos da voz do Espírito que nos fala e opera através de nós - com muitos sinais e vozes - para discernir a sua presença e a sua ausência nos sinais dos tempos.

## 2. Comunhão fraterna

A nossa Ordem é uma fraternidade (cf. CCGG 1, 1; 38 e passim) querida por São Francisco como forma de viver e de pregar juntos o Evangelho: *“quero que esta fraternidade se chame Ordem dos Frades Menores”* (1Cel 38). A fraternidade concreta constitui a base do carisma franciscano que será testemunho visível na evangelização lá onde estão os frades, isto é, será *“o seu modo de ser e de estar na Igreja e no mundo”* (cf. Enviados para evangelizar em fraternidade e minoridade na paróquia, p. 49).

A secretaria Geral para a Formação e os Estudos da nossa Ordem publicou em 2002 *Todos vós sois irmãos*, que nos permite aprofundar a reflexão sobre a fraternidade. Um capítulo é reservado à *Fraternidade evangelizadora*” (cf. Todos vós sois irmãos, cap. VIII) formada por “Frades Menores”, cujo *“adjetivo ‘menor’ qualifica profundamente o substantivo ‘frade’, dando ao vínculo da fraternidade uma qualidade própria e característica”* (idem, cap. VII).

Assim, a comunhão de vida em fraternidade é um elemento essencial da nossa vocação. Desde quando o Senhor deu irmãos a Francisco (cf. Test 14), não podemos considerar-nos autênticos frades menores sem que haja uma relação de verdadeira comunhão com os outros. Portanto, a comunhão de vida em fraternidade é também a nossa forma primária de evangelização. A experiência de vida fraterna deve ser tal que se mostre como boa nova, Evangelho.

Sublinhamos na seção precedente que a nossa fraternidade é uma “fraternidade contemplativa”. *“Outro elemento que foi evidenciado como essencial, quando refletimos*

*sobre a fraternidade, foi o da 'missão', tanto que foi pedido para falar de 'fraternidade e missão'. Segundo o art. 1 das nossas Constituições Gerais, a missão é uma característica constitutiva e essencial da nossa vocação a uma vida radicalmente evangélica" (CPO 2018, 99).*

### **3. Formação e estudos**

No artigo 121 das Constituições lemos: “Os ministros provinciais cuidem para que os missionários recebam a formação necessária para melhor satisfazerem as exigências da sua futura tarefa”. Depois segue no parágrafo 2: “Devido ao célere correr dos tempos e as profundas transformações da sociedade, os missionários devem atualizar-se para responder sempre às exigências do ministério. Cabe aos ministros prover para que, mediante programas adequados de formação permanente, esta renovação seja concedida a todos os missionários” (CCGG 121). É bom recordar que “todos os frades são enviados” (CCGG 83), pelo que todos devem formar-se e receber formação missionária para agir “inter gentes” onde quer que se encontrem” (cf. CCGG 84).

Para os territórios em que os cristãos convivem com os muçulmanos, “o diálogo com o Islão é indispensável para a formação adequada dos interlocutores, não só para que estejam sólida e alegremente radicados na sua identidade, mas para que sejam capazes de reconhecer os valores dos outros, de compreender as preocupações subjacentes às suas exigências e de fazer emergir as convicções comuns” (EG 253). Do mesmo modo, o diálogo deve acontecer com os crentes de outras religiões, a fim de que não renasça um espírito neocolonialista.

Além da base teológica necessária, os discípulos missionários deverão conhecer a realidade em que se encontram para evangelizar; conhecer o plano de evangelização da Igreja particular; escutar o povo, os coordenadores das comunidades católicas ou, se não existem ainda, os representantes das comunidades; ver como o povo vive e buscar compreender a cultura para distinguir os “semina verbi”. A predisposição deve ser a de aprender.

Onde quer que se encontrem, os missionários evangelizadores encontrarão também os migrantes, para com os quais a evangelização deverá ser intercultural (cf. EG 74) e levar em conta a beleza da diversidade (cf. EG 115-118) e deverão recordar que “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus se encarna na cultura de quem o recebe” (EG 115).

Além dos planos e programas formativos para o período da formação inicial, cada consagrado deve pôr-se a caminho para a sua formação permanente. Antes de tudo, é bom levar em conta a necessidade de uma “Evangelização com espírito”, como nos pede o Papa Francisco na exortação Evangelii Gaudium, para que o anúncio não seja destituído de alma (cf. EG 259; 268).

Os EEGG pedem a províncias e custódias para empenharem-se em formar frades na dimensão da vocação missionária evangelizadora. Por este motivo, é necessária a estrutura e organização do Secretariado para as Missões e a Evangelização no interno da própria Entidade (EEGG 51; cf. 49; cf. 53). O secretariado tem a tarefa de animar em nível provincial as formas de missão evangelizadora (EEGG 52; cf. 48; 67) e assegurar a formação de todos os frades.



Além disso, os EEGG preveem a colaboração com o SGME (EEGG 48; 63, 64, 65; e também 47, 49 e 50), pelo que as oportunidades formativas aumentam e podem ser desfrutadas melhor. Os EEGG pedem também a colaboração com as províncias (EEGG 70; 72 e mandato 30) e os leigos (EEGG 68 e mandato 31). Cada entidade deverá empenhar-se na animação vocacional e na formação dos leigos (cf. EG 102) que são evangelizadores (cf. EEGG 60). E deverá dispor-se a enviá-los em missão (cf. EEGG 68). Certamente tudo isto acontecerá seguindo critérios apropriados e depois de um processo de adequada formação e de acompanhamento para chegar a uma concreta ação evangelizadora em lugares estabelecidos ou em contextos missionários.

Além disso, os missionários evangelizadores devem sempre prever a participação ativa dos leigos. E por este motivo o projeto missionário de evangelização deve ser aberto e inclusivo. Portanto, se de uma parte é necessária a formação dos leigos missionários, de outra é necessária também a preparação para acolher estes irmãos e irmãs dispostos a doar parte de sua vida para a construção do Reino de Deus.

Para aqueles que são chamados à missão evangelizadora estão à disposição algumas oportunidades. Por exemplo, um programa bem consolidado na Ordem é a fraternidade inter-obediencial de Bruxelas, e um outro é proposto pela *From Mission to Mission* (De missão em Missão), uma organização que fornece uma experiência de missão de breve duração. É possível consultar o Apêndice para a descrição detalhada e os objetivos ligados a estes programas.

#### 4. Minoridade

Os frades menores, missionários evangelizadores, são testemunhas vivas do Deus “menor” “que se faz criança, que transita pelas estradas do mundo como peregrino e forasteiro, não tendo onde reclinar a cabeça, que se deixa capturar ou ser pregado na cruz e morrer por amor dos seus irmãos, que se doa a cada dia como alimento de vida” (Enviados para evangelizar em fraternidade e minoridade na paróquia, p. 54). Assim, “sem gloriar-se nem exaltar-se das boas obras e das palavras que Deus faz e diz através deles, mas restituindo tudo a ele, verdadeiro autor de todo bem (cf. RnB 17, 6; Ad 2, 3; 8, 3; 17, 1; 18; 21, 2; 28, 1)” (ibidem).

O capítulo IV das Constituições Gerais é dedicado à minoridade. Vêm evidenciados de fato aspectos importantes da minoridade que, em geral, se manifestam em várias dimensões da vida do frade: nossa relação com Deus, o nosso estilo de vida cotidiana, a relação interpessoal nas nossas fraternidades, o modo de viver e de pregar o Evangelho aos outros, a relação com o restante da criação.

E também para o contexto da evangelização, a minoridade encontra inspiração no capítulo IV das Constituições Gerais que, em síntese, ensina os frades como devem conduzir a sua missão evangelizadora: ser menores, promotores de justiça e de paz, guardas da criação, itinerantes sobretudo para ser pobres entre os pobres (em solidariedade com os pobres e marginalizados, isto é, aqueles que são os rostos sofredores de Jesus no nosso mundo - cf. DAp 257; EG 210-213 - O próprio São Francisco dizia que deveríamos alegrar-nos por ter a oportunidade de viver entre os pobres (cf. RnB 9, 3), não adquirir “nada como próprio” e trabalhar com fidelidade e devoção. Estes assuntos são amplamente discutidos no documento da Ordem, publicado

em 2008, Peregrinos e forasteiros neste mundo, uma fonte para a formação permanente inspirada no capítulo IV das Constituições Gerais.

## 5. Evangelização – Missão

Nas Fontes Franciscanas encontramos testemunho do carisma missionário de São Francisco, consciente de que “*o Senhor nos chamou para a salvação de muitos*” (cf. LTC 36): “*andemos pelo mundo*” (cf. AP 18), “*envia os frades quando eram oito, dois a dois pelas quatro partes do mundo*” (cf. 1Cel 29), “*anunciando a paz aos homens*” (cf. LM 3, 7). A Ordem franciscana é a primeira na história da Igreja a ter na sua Regra um capítulo especial sobre a missão. Deste modo a missão não é um elemento acrescentado ao carisma franciscano, mas está inscrita na sua certidão de nascimento. Os mestres franciscanos compreenderam a dimensão da vocação de Francisco que está centrada no ministério da evangelização (cf. CCGG 84) e tomam consciência da origem divina do mandato missionário indicado por ele mesmo: “*para isto vos mandou pelo mundo inteiro, a fim de que deis testemunho à voz dele com a palavra e com as obras*” (Ord, 9). Deste mandato participam todos os frades (cf. CCGG 83), tanto estes sacerdotes como leigos (cf. RnB 17, 5; CCGG 89, 1; EG 119).

São Francisco tinha clara necessidade de testemunhar antes com a vida aquilo que devia pregar: “*Todos os irmãos preguem com as obras*” (RnB 17, 5). São Boaventura conta-nos que o seráfico pai pediu a Santa Clara para rezar para ajudá-lo a compreender a “vontade do Senhor” sobre ele: a resposta foi: “*Tu deves sair e pregar*” (cf. LM 12, 2). Esta é uma dimensão do seu carisma missionário que vem inserida nas Constituições Gerais da Ordem. O carisma suscita uma evangelização “inter gentes”, entre os pobres (cf. CCGG 87, 3; 93, 1 97; EEGG 61) que são nossos mestres (cf. CCGG 93, 1).

Entre os textos do Evangelho que mais tocaram São Francisco e o fizeram compreender a dimensão missionária do seu carisma encontramos o trecho em que Jesus envia os seus discípulos (cf. Mt 10, 7-10; Mc 6, 8-9; Lc 10, 1-6), relatado por Tomás de Celano (1Cel 22, 2). O Evangelho indica que a missão exige deixar o que se possui, abandonar as seguranças e as comodidades (cf. EG 20) e sair para o desconhecido para construir o Reino, servindo a Deus onipotente.

De outra parte, há a gratuidade como modo de restituição de tudo o que recebemos do Senhor. Como testemunho no mundo, será exatamente na gratuidade que aparecerá a nossa resistência contra a lógica do “pago, logo existo”, que substitui o “penso, logo existo” (R. Descartes). A Igreja, povo de Deus, nasceu na festa do Espírito Santo que Deus transformou em um dom. Em Pentecostes, a comunidade missionária foi enviada ao mundo, na gratuidade e unidade do Espírito Santo. “*Por graça fostes salvos mediante a fé. E isto não vem de vós, mas é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém possa gloriar-se*” (Ef 2, 8-9). (cf. Suess, Introdução à Teologia da Missão, 2007, p. 226).

Portanto, a missão dos franciscanos é integral: enviados a todos os homens e mulheres (a todas as nações, culturas, povos onde quer que se encontrem), inseridos em uma cultura específica (evangelizar na cultura) e *inter gentes* (cf. Ite, nuntiate). De todos se requer a predisposição para o encontro e o diálogo para construir a paz (cf. RB 3; RnB 22, 1; Ad 13; 15; Cnt 11; 1Cel 20; 57; EG 238-259). As formas de evangelização são múltiplas, partindo das igrejas conventuais, de paróquias e santuários, de

eremitérios, de escolas e universidades, dos hospitais, dos cárceres, das obras sociais, dos centros de acolhida até a presença no meio de grupos de pessoas pobres e marginalizadas (cf. CCGG 97), comprometendo-se com os migrantes (cf. CPO 2018, 160-167) e colocando-se como sinais e instrumentos de comunhão e fraternidade. Permanecem naturalmente sempre válidas as missões populares (cf. CCGG 107) e a evangelização proposta por uma fraternidade itinerante (cf. EEGG 233).

# A EVANGELIZAÇÃO FRANCISCANA

## 1. Gênese da vocação missionária de Francisco

Há eventos-eixo na vida de São Francisco que evidenciaram a sua vocação missionária. Os parágrafos seguintes resumem aqueles eventos que vale a pena recordar e seguir no contexto da missão evangelizadora hodierna.

No Testamento, escrito pouco antes de morrer (1226), Francisco recorda o primeiro momento da sua conversão: o encontro com o leproso (o Cristo encarnado, o pobre): “*O Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, me parecia sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E, afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo...*” (Test 1-3; cf. 2Cel 9; LTC 11; LM 1, 6). Francisco entendia a sua conversão como envio para os “leprosos”, espelho de Cristo, o Cristo encarnado do prólogo de João: “*O Verbo fez-se carne e habitou entre nós*” (Jo 1, 14), o Cristo kenótico da carta de Paulo aos Filipenses, “*esvaziou-se de si mesmo, assumindo a condição de servo*” (Fl 2, 7). O primeiro passo da missão não foi o de converter o leproso, mas ser convertido por ele, porque nele encontrou Deus encarnado e sofredor.

Experiência de São Damião: Francisco ouve o Crucificado dizer: “*Vai e restaura a minha casa que, como vês, está em ruínas*” (2Cel 3). Ele entendeu logo este mandato literalmente e pôs-se a restaurar a dilapidada igreja de São Damião. Mas em seguida compreendeu que este apelo se referia à Igreja dos povos, ou seja, a necessidade de reformar a igreja “imperial” e de construir a igreja dos pobres.

Experiência da Porciúncula: durante a missa da festa de São Matias, no dia 24 de fevereiro de 1208 (ou 1209), Francisco ouve a passagem do Evangelho (Mt 10, 5-14 ou Lc 10, 1-10) em que Jesus envia os doze depois de havê-los instruído: “*Ide, pregai, dizendo que o reino dos céus está próximo. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai. Não vos preocupeis com ouro ou prata*”.

À pergunta de Spoleto “*Senhor, que queres que eu faça?*” Francisco responde definitivamente, quando exclama com alegria: “*É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que desejo de todo o coração*” (1Cel 22). Eis a sua missão!

## 2. A aprovação da “*Forma vitae*” em 1209

A primitiva *forma vitae* continha os elementos de um novo estilo, de um movimento missionário não monástico que Francisco tinha intuído a partir da leitura do Evangelho feita na Porciúncula (particularmente os trechos ligados à missão) e por uma busca casual de textos bíblicos. É interessante notar como ele tenha captado as duas palavras-chave “ide” e “proclamai”. “*O bem-aventurado Francisco, percorrendo cidades e aldeias, começou a pregar por toda parte*” (LTC 54). “*Passava por cidades e aldeias, anunciando o reino dos céus, pregando a paz, ensinando o caminho da salvação e a penitência em remissão dos pecados*” (1Cel 36).

As viagens missionárias na vida de Francisco iniciaram cedo com as expedições que terminaram em fracasso. A primeira vez, indo para a Síria, “*soprando ventos contrários, ele se encontrou com os outros navegantes nas regiões da Eslavônia*” (1Cel

55), embarcou depois em um navio para Ancona e, finalmente para Assis. Depois, enquanto se dirigia a Marrocos com Frei Bernardo, foi atingido pela malária na Espanha, e os dois tiveram que voltar.

O acontecimento de ponta do zelo missionário de Francisco é a sua missão entre os sarracenos no Egito. São Francisco de Assis chegou à clareza do que o Senhor pedia a ele e aos seus frades: evangelizar com a vida e com a Palavra (RnB 17). Particularmente “*entre os sarracenos e outros infieis*”, ele quer que os frades se comportem como “irmãos”, “*submissos a toda criatura humana por amor de Deus e confessem que são cristãos’ e, quando virem que agrada ao Senhor, anunciem a palavra de Deus para que eles creiam em Deus onipotente Pai e Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas, e no Filho Redentor e Salvador*” (RnB 16). Certamente se trata de um pensamento que envolveu muito São Francisco entre 1217 e 1219. A viagem parece concluir-se com um fracasso. Não teve sucessos mensuráveis: não houve martírio nem a conversão dos muçulmanos ao cristianismo nem o fim da cruzada. No entanto, foi interpretada pelos estudiosos como a abertura de uma nova via da missão:

- a missão é “entre”, não “a” ou “para”. A missão segue o estilo da encarnação (“*o Verbo fez-se carne e habitou entre nós*” - Jo 1, 14). É movida pela humildade de Deus e pelo amor do Crucificado.

- Francisco, que foi evangelizado pelo pobre no encontro com o leproso, em certo sentido é evangelizado também no encontro com o sultão e os muçulmanos. Aprendeu com a hospitalidade deles e ficou impressionado pelo modo deles de rezar. Portanto, há também uma reciprocidade no viver a missão. E há a necessidade de ser evangelizados antes de tornar-se verdadeiros evangelizadores.

### 3. Capítulo XVI da Regra não bulada

O capítulo XVI da Regra não bulada, intitulado “*Aqueles que vão entre os sarracenos e outros infieis*”, é chamado *Estatuto da missão da Ordem* e, juntamente com os capítulos XVII e XVIII, forma a “*Magna carta da missão franciscana*”. Diz-se que “*só a Regra de São Francisco contém um capítulo especial sobre a missão*”. Portanto, entre as quatro Ordens mendicantes (franciscanos, dominicanos, carmelitas, agostinianos), só a OFM é, em toda novidade, uma Ordem missionária. A Regra da missão de Francisco (1221) antecipa a *Ad Gentes* do Vaticano II (1965).

Síntese do capítulo XVI é, portanto, esta: o nosso carisma franciscano é essencialmente missionário. A missão entre os não cristãos é uma vocação especial: nasce “*por divina inspiração*” (RnB 16, 3a), vem primeiramente de Deus, depois da comunidade; “*ide para entre os sarracenos*” faz parte da vocação dos frades que é “*andar pelo mundo*”, um dos traços distintivos da vida franciscana, ou viver uma vida itinerante.

O capítulo XVI da Regra não bulada não é uma novidade entre as regras da vida religiosa da época só pelo fato de conter um capítulo sobre as missões, tal a colocar a identidade missionária na base jurídica da Ordem, mas também porque encerra uma proposta metodológica que oferece o modo franciscano de evangelizar. O capítulo começa assim: “*Diz o Senhor: Eis que vos envio como cordeiros para o meio dos lobos. Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas (Mt 10, 16)*” RnB 16, 1). É uma espécie de análise do contexto das relações entre cristãos e muçulmanos naquele tempo. Era um contexto de inimizade, violência e guerra (à maneira

do lobo, para ficar fiel à palavra do texto). O frade que se dirige a este contexto deveria ir de modo não beligerante e desarmado (à maneira da ovelha). Prudência e simplicidade são as recomendações aos frades diante desta realidade.

E para o modo de agir, o texto ensina: “Os irmãos que vão entre os infiéis podem comportar-se espiritualmente no meio deles de dois modos. Um modo é que não litiguem nem disputem, mas sejam submissos a toda criatura humana por amor de Deus (cf. 1Pd 2, 13) e confessem que são cristãos. O outro modo é que, quando virem que agrada ao Senhor, anunciem a palavra de Deus para que eles creiam em Deus onipotente Pai e Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28, 19), Criador de todas as coisas, e no Filho Redentor e Salvador, e sejam batizados e se tornem cristãos, pois, se alguém não renascer pela água e pelo Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus (cf. Jo 3, 5)” (RnB 16, 5-7).

O primeiro elemento fundamental desta instrução é que a evangelização é um modo de ser, um modo de estar à disposição de Deus. E o Senhor deixa-se encontrar nos irmãos e irmãs, em cada criatura. Foi no encontro com o leproso que Deus encontrou e tocou Francisco e o modificou. Não foi simplesmente um encontro que Francisco teve; Francisco “foi forjado” por este encontro. O encontro transformou-o, evangelizou-o. Esta é a primeira afirmação do método franciscano na evangelização: colocar-se a si mesmos sob a inspiração divina (“Todos aqueles irmãos que, por divina inspiração, quiserem ir...” (RB 12, 1).

Inspirado por Deus, o frade evangelizador é chamado a um preciso modo de ser e de estar no seu contexto de ação: “conviver espiritualmente”. Assim fica claro o quanto é decisivo para Francisco que a evangelização não é antes de tudo uma atividade, mas um modo de ser, um colocar-se à disposição na vida segundo o modo em que o Senhor o inspira. A clareza da presença do Senhor nos encontros com as pessoas é que leva a afirmar que na base da missão evangelizadora franciscana está a “convivência espiritual”.

Na afirmação de que “os irmãos que vão... podem de dois modos”, aparece outro elemento caro à forma franciscana: a liberdade para a pluralidade dos métodos de trabalho. Esta pluralidade inscrita na Regra não Bulada exigirá sempre da ação missionária a sensibilidade, a oportunidade e a aplicabilidade da decisão pelo método de trabalho. As duas modalidades aparecem no texto sem hierarquia ou prioridade. Ambas as modalidades são propostas de métodos concretos e, ao mesmo tempo, únicas para a época.

O contexto em que Francisco vivia, no que diz respeito à relação com o “outro”, também da parte da Igreja, tinha pouco a ver com a convivência espiritual e a sinceridade recíproca. Francisco viveu em tempos de cruzadas: a inimizade, a guerra e o querer mal assinalaram a posição cristã diante dos sarracenos. A realidade das cruzadas não está distante da vida do pobre de Assis. Pelo contrário, ele a conhece muito bem e se encontrou pessoalmente na cena de guerra em setembro de 1219, quando o exército cruzado sitiou Damietta no Egito. Encontrou também o líder dos muçulmanos, o sultão Malek-el Kamil. O capítulo XVI da *Regra não Bulada* traz a marca da experiência deste encontro. O texto fala de “um modo” de ir: “*não litiguem nem disputem, mas sejam submissos a toda criatura humana por amor de Deus (cf. 1Pd 2, 13) e confessem que são cristãos*”. Este modo de “conviver espiritualmente” contém três elementos interessantes como método em que inspirar-se em vista da missão:

a. “*não litiguem nem disputem*”. O encontro com o outro na missão evangelizadora não pode estar impregnado de preconceitos que levam a estar armados em vista de discussão, do debate ou do combate. A missão é o lugar onde conviver espiritualmente, não o lugar onde mostrar quem tem razão, quem tem argumentos, quem consegue impor-se. E segundo esta atitude, o sucesso da missão não acontece quando se conseguiu superar a posição do outro, mas quando se convive.

b. “*Sejam submissos a toda criatura humana por amor de Deus*”. O segundo elemento deste método está ligado à humildade: a condição do frade menor é a de reconhecer sempre o fato de ser parte de um projeto divino maior, diante do qual o frade é pequeno e ao qual está submetido. Na missão, o grande projeto é o projeto divino e não o nosso projeto pessoal. A submissão a Deus é também origem do termo Islão. Não se sabe se a palavra tenha sido escolhida por coincidência ou com consciência, mas indica a mesma sensibilidade ao divino que Francisco percebeu no meio dos sarracenos, no seu encontro com o Sultão. E o próprio Sultão reconhece em Francisco um homem que é submisso a Deus e, por isso, lhe dá de presente um chifre, instrumento usado para chamar à oração.

c) “*e confessem que são cristãos*”. O terceiro elemento do método proposto nas palavras da Regra não Bulada diz respeito à clareza sobre a própria identidade na atividade missionária. O encontro com o outro suscita a necessidade de uma reflexão sobre a identidade cristã, sobre a identidade franciscana. Confessar que somos cristãos significa dizer alguma coisa sobre nós mesmos, não sobre o cristianismo. Há uma exigência muito mais profunda do que o conhecimento da história ou da teologia cristã. Isto leva à afirmação inicial da Regra: “*A Regra e a vida dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho do Senhor Jesus Cristo*” (RB 1, 2). É nesta regra e vida que está ancorado o “*confessem que são cristãos*”.

O texto apresenta também outra possibilidade: “O outro modo é que, quando virem que agrada ao Senhor, anunciem a Palavra de Deus para que eles creiam em Deus onipotente Pai e Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas, e no Filho Redentor e Salvador, e sejam batizados e se tornem cristãos, pois, se alguém não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus”. É claro ainda uma vez que o texto da Regra não hierarquiza os modos: apresenta-os um ao lado do outro, mantendo o princípio da pluralidade no desenvolvimento da ação missionária. Este “outro modo é muito conhecido, e talvez não seja sequer possível imaginar a missão evangelizadora sem o anúncio da Palavra de Deus. Não se pode esquecer que este modo é igualmente subordinado à “convivência espiritual”. O anúncio da Palavra de Deus deve ser visto sob a mesma chave de leitura da “convivência espiritual”. E para que o anúncio possa acontecer, o texto põe uma condição preliminar: “quando virem que agrada ao Senhor”. Esta é uma afirmação muito grave, porque pressupõe que haja anúncios da Palavra que não agradem a Deus. Na atividade missionária não se pode partir do pressuposto que a pregação seja obrigatória. Deve ser posta ao crivo da vontade divina. Se o anúncio é agradável a Deus, então pode acontecer que os ouvintes creiam, sejam batizados e se tornem cristãos. Mas isto já pertence à graça divina e não ao poder do frade missionário. Além disso, o sucesso da missão não pode e não deve ser medido pelo número de batizados que gera. Esta é indubitavelmente uma tentação do contexto missionário: considerar que a missão tenha ido bem, quando o número de batizados, de matrimônios, de comunhões, etc. é elevado. Tal modo de avaliar a missão leva muitas vezes a um

espírito de competição, muito distante do estilo franciscano de estar na missão, como proposto pelo capítulo XVI da Regra não bulada, texto que continua ainda atual não só como inspiração para a missão, mas também como método concreto a seguir na missão franciscana.

#### 4. Princípios fundamentais da evangelização franciscana e das missões

##### *a. A visão espiritual de Francisco: (cf. 1Cel 84; 2Fi 4).*

**A humildade da encarnação.** Para Francisco, esta é simplesmente uma experiência de Deus como Bondade. Boaventura define a bondade de Deus como “auto-difusiva” (excessiva, transbordante). Deus é bondade suprema, a bondade mais auto-difusiva. E a mais alta bondade auto-difusiva é o Amor. “Deus é Amor” (1Jo 4, 8). Deus é um amor auto-difusivo, excessivo, transbordante. O amor requer um amante, um amado, um co-amado para ser perfeito. O amor explica a Trindade, o Deus Trino; o Pai é a fonte transbordante do amor (*fontalis plenitudo*) ou a fonte mais fecunda do Amor auto-difusivo. O Pai *per modum naturae* partilha o seu amor difusivo com outra pessoa, o Filho. E as duas pessoas, o Pai e o Filho, estão em tão profundo e íntimo vínculo de amor *per modum libertatis* que com um só sopro de amor respiraram outra pessoa, o Espírito Santo. Aqui há o Amante (Pai), o Amado (Filho) e o Co-Amado (Espírito Santo). A Palavra, a Segunda Pessoa (o *medium* ou centro), assume a nossa humanidade e torna-se a auto-comunicação da Trindade (o Amor Trinitário) no mundo. A encarnação é obra da Trindade do amor e, portanto, principalmente motivada pelo amor (Duns Scotus). Quando o Verbo se fez carne (encarnação), houve uma “perfeita sintonia”, uma alegria imensa; o Verbo encarnado leva Deus de novo a toda a criação. A nossa missão franciscana segue, portanto, o modelo trinitário da encarnação: permite ao amor transbordar no mundo dos homens e na criação e levar de novo a Deus todas as realidades. Se a encarnação é o transbordar do amor no mundo e é motivada pelo amor, o início, o meio e o fim da missão franciscana é o amor.

**A caridade da paixão.** O amor misericordioso do Senhor na sua paixão completa a encarnação. Missão franciscana significa amor e compaixão pelo Crucificado. A meditação contínua sobre o Cristo Crucificado levou São Francisco a viver uma vida penitente. Muitas vezes ele se encontrava nas grutas e nas regiões afastadas, sozinho, em profunda oração e meditação, jejuando e realizando atos de penitência. Pedindo a seus irmãos para fazerem penitência cada vez que fosse possível, assim os estimulava: “*Ide com o Senhor, irmãos, e como ele se dignar inspirar-vos, pregai a todos a penitência*” (cf. 1Cel 33). A sua contemplação dos sofrimentos e da morte de Jesus Cristo alcançou o seu ápice no Alverne com o dom dos estigmas que lhe permitiram levar na carne as verdadeiras feridas de Cristo. Nos seus últimos dias, pela vida penitente que tinha feito suportar o seu “irmão burro”, disse: “*Alegra-te irmão corpo e perdoa-me: eis que agora estou pronto para satisfazer os teus desejos, me preparo para ouvir com prazer os teus lamentos*” (2Cel 211). Para São Francisco, a penitência não é só uma vida austera. É algo de mais profundo e que tem maior incidência. No seu Testamento (cf. Test 1) ele nos conta que aquilo a que era chamado era fazer penitência: andar entre os leprosos e tratá-los com misericórdia, isto é, dar-lhes o seu coração (*miseris cor dare*), com compaixão, entrando por isso na situação deles. O leproso que Francisco encontra - por



impulso divino, porque “*o Senhor mesmo me conduziu entre eles*” (Test 2) - é para ele a mensagem encarnada, uma mensagem que o transforma (“*o que me parecia amargo me foi transformado em doçura de alma e de corpo*” Test 3). A caridade praticada por Francisco (“e usei misericórdia para com eles” Test 2), além de um gesto altruístico, é uma restituição do dom recebido. Hoje a nossa penitência deve ir nesta mesma direção: viver com os pobres, como pobres, para assumir não só a condição deles, mas também a causa deles, o desejo de uma vida digna, livre das opressões a que estão submetidos. E a vida com os pobres e a causa deles poderão assim ser para o frade a experiência de dignidade e liberdade vivida por Francisco neste encontro decisivo. A misericórdia para com os pobres de hoje é misericórdia para com os próprios frades, pois habitam no caminho que conduz à experiência de Deus.

**A eucaristia.** A eucaristia continua e perpetua a humildade de Deus na encarnação e o amor da paixão. Francisco contempla na eucaristia o nascimento cotidiano do Filho de Deus que se doa aos seus irmãos como alimento, realizando assim a sua real presença no meio dos homens até o fim dos tempos. Francisco de fato recomenda aos irmãos: “*De fato, nada temos e vemos corporalmente neste mundo do próprio Altíssimo, a não ser o corpo e o sangue, os nomes e palavras pelos quais fomos criados e remidos da morte para a vida*” (1Cl 3 e 2Cl 3; cf. Test 1); “*nos lugares onde moram os irmãos, seja celebrada apenas uma missa ao dia segundo a forma da Santa Igreja*” (Ord 30); e em diversas ocasiões pregou aos frades a comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo (cf. RnB 0, 5; ad 1, 12-13; 1Fi 1, 3; 2, 2; 2Fi 4, 22-24; 11; 63; Ord 17-19). A missão evangelizadora franciscana é, portanto, eucarística, centrada cada dia na humildade de Deus no presépio e no sofrimento de Deus no lenho da cruz. Toda a nossa missão evangelizadora não poderá ir adiante sem a eucaristia. Quando a fraternidade está centrada na eucaristia, traz para a evangelização energia a partir da consciência de que nenhum projeto pode ser construído sem fundar-se sobre ela, pois “*se põe como fonte e, ao mesmo tempo, cume de toda a evangelização*” (João Paulo II, Ecclesia de Eucharistia, impulso missionário, n. 22, carta encíclica, 2003). De fato, o impulso missionário “*é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã*” (Bento XVI, Sacramentum Caritatis, n. 84, Exortação pós-sinodal, 2007).

### ***b. Princípios fundamentais***

As Constituições Gerais oferecem alguns dos principais critérios que regulam a evangelização franciscana. O artigo 89, 1 evidencia que “*o testemunho da vida, ou seja, a silenciosa proclamação do Reino de Deus, é um início e a primeira forma de evangelização*”, fazendo referência à Regra não Bulada (RnB 16, 6). “*O testemunho da palavra ou a explícita proclamação é a segunda forma de evangelização*” (CCGG 89, 2). As mesmas Constituições, de fato, dizem claramente que todos os frades devem evangelizar também com a pregação (cf. CCGG 101).

Como discípulos missionários (cf. EG 120), os franciscanos deverão deixar-se evangelizar durante a evangelização (CCGG 86; EM 24) (tendo presente que realiza-se contemporaneamente, porque sou evangelizado pelo mesmo Evangelho que anuncio) e nunca distanciar-se do carisma “*nem aceitar privilégios para si mesmos ou para as suas fraternidades*” (cf. Test 25-26; CCGG 91; 109, 1; EG 130-131). Por isso, os frades deverão evangelizar em fraternidade e minoridade na diversidade de presenças e

atividades (cf. CCGG 87; 111. EG 92), de acordo com aquilo que Jesus recomenda aos discípulos: “*nem pão nem sacola nem dinheiro no cinto*” (Mc 6, 7-11; Mt 10, 9, 14; Lc 1), 4-11). Tudo isto indica que deverão estar livres e confiantes na presença e providência de Deus.

A evangelização franciscana é feita em comunhão com a Igreja (cf. RB 9, 1; CCGG 87, 3; 105; 115; 116; 117, 2); como missionários católicos (cf. RB 2, 1), os franciscanos evangelizam como membros da Igreja universal e, por isso, agem partindo do Evangelho e das indicações da própria Igreja. São Francisco amava a Igreja e queria que os seus companheiros a amassem. Trata-se de uma questão de fé (cf. Vaiani, *Storia dell’esperienza spirituale di Francesco d’Assisi*, Ed. Biblioteca Francescana, 2015, Milão, p. 470-473). Lá onde a Igreja local não teve condições de construir um plano de evangelização, os missionários evangelizadores deverão contribuir para projetá-lo e construir depois o projeto de evangelização em harmonia com o da Igreja.

# RESPONDER AOS DESAFIOS EXISTENTES

## 1. À luz das realidades existentes e do chamado da Igreja

### *a. O nosso mundo de hoje...*

Está nascendo um novo mundo, e nós sofremos a dor do parto. Como o mundo em rápida transformação que nos circunda, também a nossa Ordem está enfrentando grandes transformações (Ir às periferias com a alegria do Evangelho, Pentecostes de 2015). No último documento do CPO 2018, encontramos um ensaio que apresenta as características do mundo atual.

A contínua aceleração das mudanças que interessam à humanidade e o planeta é acompanhada hoje em um ritmo de vida e de trabalho mais intenso que se poderia chamar “rapidação” (LS 18). Nós, frades menores, no meio desta incerteza, confirmamos a nossa base evangélica e a adesão ao nosso carisma franciscano e aos valores franciscanos como estilo de vida (cf. RnB 22; RB 1; Test 14; CCGG 1, 2). Continuamos a buscar a Deus neste mundo que muda... Os frades menores estão empenhados em uma leitura atenta do que muda e do que permanece em continuidade, como também buscam reconhecer quais são as tendências a escolher e sustentar e quais as que precisam de análise e compreensão mais profunda, seja como chamado à conversão, seja como desafio para colher novas provocações e possibilidades de presença fraterna e testemunho evangélico (cf. CPO 2018, 89). Os frades têm necessidade da ajuda de peritos para compreender estes fenômenos, para ler os sinais dos tempos (cf. EG 51). “*Cada vez que buscamos ler os sinais dos tempos é oportuno escutar os jovens e os anciãos*” (EG 108).

Os nossos recentes documentos de animação da Ordem nas escolas e nas paróquias, por exemplo, têm evidenciado algumas destas realidades no contexto da gestão do mistério. *Ide e ensinai* (2009), uma orientação geral para a educação franciscana, citou realidades que desafiam a educação franciscana no campo da globalização, da urbanização resultante dos movimentos migratórios das aldeias para as grandes cidades, da realidade de relações familiares ameaçadas com tensões e fraturas crescentes por causa destas mudanças e da sociedade pluralista, assim como na evolução de uma nova ética que influi na escala das verdades e dos valores para sustentar as atitudes e os comportamentos de vida de todas as gerações atuais. *Enviados a evangelizar em fraternidade e minoridade na paróquia* (2009), ao contrário, identifica estes desafios no contexto sociocultural, religioso e eclesial, junto com as tendências emergentes coligadas, reconhecendo a absoluta necessidade para a paróquia de conhecer o público a que são dirigidos os seus esforços de modo a poder dialogar eficazmente e levantando algumas perguntas sobre as opções de renovação a fim de que o contexto paroquial possa responder a estes desafios. Além disso, o guia de estudo OFM sobre o cuidado da criação, *O grito da terra e os gritos dos pobres* (2016), e as diretrizes para a avaliação da nossa vida de pobreza e de minoridade, *Pobres e menores: Onde estamos?* (2016), são documentos disponíveis para ajudar-nos a enfrentar estes desafios ecológicos e socioeconômicos que inevitavelmente podem influenciar a nossa existência cotidiana.

No fim de 2019, apareceu um novo coronavírus, a COVID-19, que causou uma pandemia no mundo, responsável por bem mais de um milhão de vítimas. Na

evangelização não se pode estar indiferente ao risco que toda a humanidade corre, sobretudo os mais pobres, e não fazer um forte apelo à solidariedade. Em uma carta aos Movimentos populares do domingo de Páscoa de 2020, o Papa Francisco encorajava outra atitude depois da pandemia: *“Espero que este momento de perigo nos faça retomar o controle da nossa vida, sacuda as nossas consciências adormecidas e produza uma conversão humana e ecológica que ponha fim à idolatria do dinheiro e coloque no centro a dignidade e a vida. A nossa civilização, tão competitiva e individualista, com os seus frenéticos ritmos de produção e de consumo, os seus luxos excessivos e os desmesurados proveitos para poucos, tem necessidade de uma mudança, de um repensar, de uma regeneração”*. Se a situação de uma pandemia vivida, como desafio jamais visto, comportou a necessidade de cuidar de todos com o distanciamento físico, de resto evidenciou a realidade de tantos seres humanos abandonados ao próprio destino exatamente por causa da necessidade de distanciamento. Neste contexto, o Senhor dá ao frade menor a possibilidade de “fazer penitência”, chamando-o a “fazer misericórdia”.

### ***b. A missão de evangelizar hoje***

Jesus Cristo foi o primeiro evangelizador que “anuncia antes de tudo um Reino” (EN 6) e, “como núcleo e centro da Boa Nova, anuncia a salvação, grande dom de Deus, que não só é libertação de tudo o que oprime o homem, mas é sobretudo libertação do pecado e do Maligno” (EN 9). Da ação evangelizadora de Jesus e dos doze apóstolos nasce a Igreja que existe para evangelizar (cf. EN 14-15).

“Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todos os estratos da humanidade, é, com a sua influência, transformar a partir de dentro, tornar nova a própria humanidade” (EN 18). “O Reino, que o Evangelho anuncia, é vivido por homens profundamente ligados a uma cultura, e a construção do Reino não pode deixar de valer-se dos elementos da cultura e das culturas humanas” (EN 20).

São Francisco de Assis antecipou o Papa Paulo VI na evangelização com a vida e com a Palavra (cf. RnB 17). A exortação do Papa pede o “testemunho de todos os cristãos”, contanto que seja “iluminado, justificado - o que Pedro chamava ‘dar as razões da própria esperança’ (1Pd 3, 15) - explicitado por um anúncio claro e inequívoco do Senhor Jesus”, e depois conclui o pensamento com a afirmação: “não há verdadeira evangelização, se o nome, o ensinamento, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não são proclamados” (EN 21-22).

Já o Papa Francisco nos recorda na Exortação Evangelii Gaudium que “a evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: ‘Ide, portanto, e fazei discípulos a todos povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-lhes a observar tudo aquilo que vos mandei’ (Mt 28, 19-20) (EG 19). Em seguida, o Papa procura atualizar o mandato, quando afirma: “hoje, neste ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e todos somos chamados a esta nova saída missionária” (EG 20). Papa Francisco retoma a dimensão social da evangelização e sustenta que “evangelizar é tornar presente no mundo o Reino de Deus” (EG 176), fazendo referência à Evangelii Nuntiandi (EN 17).

Esta é uma dimensão da evangelização que chega à estrutura da sociedade para torná-la sempre mais humana, fraterna e solidária. É um grande desafio para a Igreja em

todo o mundo nos nossos tempos, particularmente para as dificuldades de ler os sinais dos tempos e de compreender o que causa sofrimento e desumaniza as pessoas. Nesta dimensão, a ação evangelizadora deveria ser capaz de fazer chegar o Evangelho ao coração das pessoas e das estruturas nas diversas sociedades, na nossa época em que a vida humana e da criação vem banalizada, a evangelização pode ser a oportunidade para cultivar e promover uma cultura do respeito, do perdão, da solidariedade, da justiça de Deus, da vida humana e da criação.

Portanto, o chamado de Deus hoje é para formar comunidades cristãs em que brilhem os sinais do seu Reino onde quer que estejam os seguidores de Jesus. Formar em todos os sentidos, seja em termos de conteúdo aprofundado da fé cristã, seja no estruturar-se como irmãos e irmãs que se encontram, que rezam e celebram juntos, que leem e refletem juntos sobre a Palavra, que discutem juntos os problemas comuns e encontram soluções partilhadas.

Permanece o desafio para os missionários nas sociedades em que a evangelização é proibida pelo sistema de governo. Os frades assumem riscos para si a cada dia e têm necessidade de encontrar modos específicos para evangelizar com o testemunho e a palavra.

### *c. Ser fraternidade profética*

O carisma e a espiritualidade franciscana pedem para sermos proféticos no nosso tempo. As Constituições Gerais buscam garantir esta dimensão na evangelização: “*A fim de que a nossa Fraternidade seja profética no cumprimento do dever de evangelização, os frades amem viver o carisma franciscano em novas formas segundo a mente da Igreja e em união com a vida da Fraternidade*” (CCGG 115, 2).

O CPO 2018 expressou esta vontade: “*Desejamos sonhar e ao mesmo tempo ser profetas de esperança, capazes de anunciar o Evangelho para a construção do reino, denunciando e combatendo as situações concretas de injustiça e de violência do mundo atual*” (CPO 2018, 177). Na conclusão do documento, individuou caminhos de profecia hoje: “*Vida profética significa uma existência que seja testemunho do amor, da misericórdia e da bondade de Deus e sinal de uma Igreja que é mãe de todos e tem particularmente no coração os pobres, as pessoas mais frágeis e sofredoras, e aqueles que são migrantes e refugiados, constrangidos a fugir de seus países por causa das condições insustentáveis em que vivem; significa também ir além de uma ação pastoral só de manutenção para dedicar-nos a uma evangelização mais ampla, oferecendo a todos o anúncio de salvação do Senhor morto e ressuscitado por nós, [...], enfrentando abertamente as forças que ameaçam a vida, as estruturas que expulsam os mais vulneráveis da sociedade e os projetos econômicos que destroem e poluem o ambiente; [...] significa além disso viver uma vida religiosa franciscana radical e visível que não tenha medo de abraçar a justiça e a causa do Evangelho, mesmo quando vem perseguida, caluniada e difamada*” (CPO 2018, 178-179).

Infelizmente, duas realidades ameaçam a nossa fraternidade contemplativa em missão chamada a ser profética: o individualismo e o clericalismo. O individualismo fecha o irmão dentro de si mesmo, de modo a induzi-lo a interromper a sua contribuição na fraternidade, sobretudo no exercício da atividade pastoral. O frade age em nome próprio, não leva conta os projetos fraternos e não partilha com a fraternidade as atividades e os resultados que delas derivam. Tal atitude, sempre mais difundida em muitos frades,

contradiz a nossa identidade carismática e o nosso chamado a evangelizar em fraternidade, que é *“antes de tudo testemunho do Evangelho e sinal profético de uma nova família humana”* (CCGG 87, 2; CPO 2018, 101-102). O clericalismo *“longe de dar impulso às diversas contribuições e propostas, vai extinguindo pouco a pouco o fogo profético do qual a Igreja inteira é chamada a dar testemunho no coração dos seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus e não só a poucos escolhidos e iluminados”* (Francisco, Carta ao Cardeal Marc Ouellet, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina). A mentalidade clerical é frequentemente ligada ao autoritarismo e à arrogância, à busca de status e da autogestão do dinheiro recebido através do trabalho. Deste modo, o clericalismo danifica a nossa vida fraterna e minorítica, obscurecendo assim a nossa missão profética (cf. CPO 2018, 103-105).

#### ***d. Ministérios na missão***

Quando falamos de ministério, estamos falando de serviço. Antes de tudo, os missionários evangelizadores são servos, como o próprio Mestre e Senhor Jesus Cristo. São Francisco viveu como servo. Isto ele compreendeu e quis. Por isso, chama de *“ministros e servos”* aqueles que têm papel ou responsabilidades especiais, aqueles aos quais *“foi confiado o cuidado das almas dos frades”* (RnB 4, 6), *“aquele ao qual foi confiada a obediência”* (2Fi 42). Na Regra isto é expresso de modo ainda mais claro: *“os frades possam falar e fazer com os ministros como os patrões com os servos, porque assim deve ser: que os ministros sejam servos de todos os frades”* (RB 10, 5-6). Deste modo, São Francisco desenvolve a concepção evangélica da autoridade e quer que a sua fraternidade a coloque em prática: o maior seja servo e menor (cf. Mt 20, 26; Lc 22, 26); RnB 5, 11-12) à imitação do próprio Jesus (Mt 20, 28; RnB 4, 6; Ad 4, 1) que lava os pés dos discípulos (cf. Jo 13; RnB 6, 3-4; Ad 4, 2).

O modo franciscano de atuar na missão deverá ser caracterizado por este espírito de ministério, de serviços concretamente ligados a múltiplas dimensões da vida, como:

##### **Koinonia (comunhão - CCGG 87, 1):**

Ser uma comunidade de irmãos, todos envolvidos na evangelização como fraternidade. Este ministério requer uma fraternidade capaz de diálogo e comunhão e que esteja à busca de um equilíbrio entre espaços e tempos dedicados à vida fraterna e espaços e tempos dedicados ao empenho da evangelização. Requer um projeto claro de evangelização, pensado, construído e vivido como fraternidade, em que opere a corresponsabilidade. Com senso de abertura, a fraternidade busca a colaboração com a família franciscana e coloca-se em relação “de comunhão” e construtiva com outras organizações que buscam a justiça e a paz.

A atuação poderá desenvolver-se como: economia solidária (cooperativas, microcréditos, trabalho de comunidade); ecologia integral, defesa e cuidado da criação; diferentes iniciativas de diálogo (onde se partilhem a vida, as ações, os aprofundamentos teológicos e espirituais); celebrações; encontros ecumênicos, inter-religiosos, interculturais.

##### **Diakonia (serviço - RnB 9, 2; Test 23):**

Estar entre as pessoas em atitude de serviço, sóbrios e alegres, pobres entre os pobres, como sinal e instrumento de relação, fermento de fraternidade. Eis alguns âmbitos em que podemos atuar a serviço das pessoas: arte popular (teatro, música,

dança, canto, cultura...); esporte; participação das atividades e organizações populares; formação e acompanhamento das comunidades; projetos sanitários; educação popular, educação não formal, mídia popular; defesa de migrantes, refugiados, vítimas; e ainda na dimensão de JPIC: defesa e promoção dos direitos humanos, defesa das culturas, defesa das minorias étnicas e de seus territórios.

**Martyria (escuta e testemunho da Palavra - CCGG 84):**

Chamados a ser testemunhas com a vida em fraternidade, os evangelizadores devem atuar através do diálogo ecumênico, inter-religioso, intercultural (ainda uma vez baseado na vida, ação e aprofundamento teológico-espiritual); devem favorecer a inculturação, compreender a teologia autóctone; promover a formação humana e cristã, adaptando-a aos grupos de iniciação cristã e que devem amadurecer na fé, propor a formação bíblica; criar espaços e momentos de caráter experiencial para favorecer o encontro com o Senhor; oferecer retiros e exercícios espirituais; garantir a escuta e o acompanhamento personalizado; desenvolver as missões populares.

**Leiturgia (celebração - Ord 13):** Os evangelizadores são chamados a cuidar da celebração e da espiritualidade eucarística, ligando-as à vida concreta das pessoas; unir a liturgia e a vida, isto é, transformar em oração o viver cotidiano; prestar reverência e honrar o sacramento eucarístico; reservar um lugar de relevo à oração litúrgica e comunitária; criar diversas e novas formas de celebração e de partilha da fé. Devem preparar lugares adaptados para a meditação, como oásis de silêncio, de paz; fomentar a espiritualidade franciscana e criar mais proximidade com a irmã e mãe Terra. Além disso, são enviados a “*valorizar a religiosidade popular como fonte de espiritualidade e como via para a inculturação, sendo grande para muitos ‘o desejo de viver e de celebrar a própria fé com modalidades congênicas à própria índole’* CCGG 92, 2). *De resto, é exatamente o caráter popular que inspirou tantas formas de piedade e de devoção que devem ser valorizadas e purificadas sabiamente no espírito genuíno do Evangelho*” (Enviados para evangelizar em fraternidade e minoridade nas paróquias, 46); promover celebrações de caráter ecumênico e inter-religioso; encontrar as vias pedagógicas adequadas para chegar a celebrar a reconciliação; acolher com fraternidade e simplicidade.

**Missão partilhada: Os leigos missionários evangelizadores.** A missão dos franciscanos deveria ser sempre partilhada com os leigos missionários e evangelizadores (cf. CPO 2018, 61). Na realidade, os leigos não podem ser considerados somente colaboradores, porque o Espírito do Senhor lhes confere múltiplos carismas que se tornam riqueza para todos (cf. CL 20). São João Paulo II afirma que os leigos, homens e mulheres, têm a vocação e a missão de ser anunciadores do Evangelho (cf. CL 33, 49). Também o Papa Francisco, na sua exortação *Querida Amazônia*, afirma que “*os leigos poderão anunciar a Palavra, ensinar, organizar as suas comunidades, celebrar alguns sacramentos, buscar várias expressões para a piedade popular e desenvolver os múltiplos dons que o Espírito derrama sobre eles*” (QA 89). Mesmo se a exortação nasce do Sínodo sobre a Amazônia, o Papa oferece um documento para toda a Igreja, para que “*se deixe enriquecer e interpelar*” (cf. QA 4).

### *e. A Igreja missionária ... “em saída...”:*

A Igreja define a missão como partilha do dom da fé gratuitamente recebida. Na mensagem pelo dia missionário de outubro de 2019, Papa Francisco expressava este desejo: *“reencontrar o sentido missionário da nossa adesão de fé a Jesus Cristo, fé gratuitamente recebida como dom no batismo. A nossa pertença filial a Deus não é nunca um ato individual, mas sempre eclesial: da comunhão com Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, nasce uma vida nova junto a tantos outros irmãos e irmãs. E esta vida divina não é produto para ser vendido - nós não fazemos proselitismo - mas uma riqueza a doar, a comunicar, a anunciar: eis o sentido da missão. Gratuitamente recebemos este dom e gratuitamente o partilhamos (cf. Mt 10, 8), sem excluir ninguém. Deus quer que todos os homens sejam salvos, chegando ao conhecimento da verdade e à experiência da sua misericórdia graças à Igreja, sacramento universal da salvação (cf. 1Tm 2, 4; 3, 15; Lumen Gentium 48)”*.

Nós somos Igreja e, como católicos e consagrados que receberam uma missão, observamos o que São Francisco inseriu na Regra, quando diz que os frades devem ser católicos e viver como católicos (cf. RB 2; RnB 19).

Papa Francisco reconhece que a Igreja de Cristo é uma “Igreja em saída” (cf. EG 20-49), que presta atenção para não ser envolvida na rede de sistemas injustos e opressivos. *“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e suja por ter saído pelas estradas, a uma Igreja doente pelo fechamento e pela comodidade de agarrar-se às próprias seguranças... Mais pelo medo de errar espero que nos mova o medo de encerrar-nos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto fora há uma multidão esfomeada. E Jesus nos repete sem parar: ‘Dai-lhes vós mesmo de comer’ (Mc 6, 37)”* (EG 49).

O que o Papa Francisco diz com relação à Igreja, nós podemos dizer também com relação à nossa Ordem. Por isso, os missionários evangelizadores são chamados a colocar-se do lado dos pequenos e dos marginalizados, como fez o próprio Jesus na sua vida pública. Como verdadeiros pastores, são chamados a seguir de perto os empenhos do povo para defender a vida e os seus direitos mais elementares. É bom que os frades tenham sempre uma atitude evangélica e não colonialista, como infelizmente se tem verificado na Igreja por séculos em tantos países. Faz parte da missão também pensar na própria história de modo evangélico e crítico, não para condenação ou vanglória, mas para saber colocar-nos sempre à disposição das pessoas que encontramos no caminho. Elas nos convertem e nos evangelizam. Esta atitude de pôr-se sempre com humildade sob a inspiração divina e o seu modo de agir faz parte também daquele sonho de Papa Francisco de uma “Igreja em saída”: sair dos vínculos e das estruturas que às vezes suportamos e que exigem dos frades mais energias e tempo do que misericórdia para com os pobres.

Já São João Paulo II tinha dito aos franciscanos: *“Ide também vós ao encontro dos homens e das mulheres do nosso tempo! Não espereis que eles venham a vós! Buscai vós mesmos reuni-los! O amor impulsiona-nos a isto. As palavras de Jesus: ‘Ide por todo o mundo...’, que conferem à evangelização uma universalidade sem limites, encontram uma admirável correspondência também na vossa espiritualidade, caracterizada pela itinerância”* (Discurso aos Franciscanos empenhados na Missão ao povo, Roma, 15 de novembro de 1982).



## *f. Visão de Papa Francisco*

“A sua visão da vida religiosa é uma visão que compreende a profecia, a itinerância, a centralidade de Cristo, a promoção da comunhão fraterna entre nós, com as pessoas e com o ambiente, particularmente com os pobres. No seu discurso aos frades capitulares no dia 26 de maio de 2015, sublinhou os dois elementos essenciais da nossa identidade: a minoridade e a fraternidade. Para ele “minoridade significa também sair de si mesmo, dos próprios esquemas e pontos de vista pessoais; significa ir além das estruturas, ir além dos hábitos e das seguranças, para testemunhar concreta aproximação aos pobres, aos necessitados, aos marginalizados, em uma autêntica atitude de serviço” (CPO 2018, 135). “Vós herdastes uma autoridade no povo de Deus com a minoridade, com a fraternidade, com a mansidão, com a humildade, com a pobreza. Por favor, conservai-a! Não a percais! O povo vos quer bem, vos ama” (Discurso aos participantes do Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores, 26 de maio de 2015).

O Papa Francisco já nos recordou na exortação *Evangelii Gaudium* que “a evangelização acontece em obediência ao mandato missionário de Jesus: ‘Ide, portanto, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-lhes a observar tudo o que vos mandei’ (Mt 28, 19-20)” (EG 19). Em uma passagem sucessiva, o Papa busca atualizar o mandato, quando afirma: “Aos nossos dias o mandato de Jesus de ‘ir e fazer discípulos’ ecoa nos cenários mutáveis e nos desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e todos nós somos chamados a participar deste novo ‘ir adiante’ missionário” (EG 20). O Papa Francisco retoma a dimensão social da evangelização e afirma que “evangelizar é tornar presente o reino de Deus no nosso mundo” (EG 176), referindo-se à *Evangelii nuntiandi* (EM 17). O Papa chama este dinamismo “Igreja em saída” (EG 20-24), que não permanece parada a esperar quem vem, mas vai ao encontro de quem está longe.

Do ponto de vista da missiologia, a reflexão do Papa Francisco é transdisciplinar e intercultural (cf. P. Suess, Projeto Missionário, 2019, p. 13-15). É fundamentalmente marcada pela proximidade aos projetos de defesa da vida de todos e dos movimentos populares, ecumênicos e inter-religiosos. Na *Laudato Si'* vem afirmado mais vezes que “tudo no mundo está intimamente ligado” (cf. LS 16, 91, 117, 138, 240). A expressão com que explica “o bem comum e a paz social” evoca a interdisciplinaridade: “O tempo é superior ao espaço” (EG 222), “a unidade prevalece sobre o conflito” (EG 226 s), “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG 231 s), “o todo é superior à parte” (EG 234 s).

O Jesus do Papa é o encarnado na vida do povo simples e na história, é o Jesus missionário e macro ecumênico do lava-pés, itinerante, despojado de tudo. O seu projeto é o do Reino de Deus, cujos primeiros destinatários são os pobres, os sofredores e os pecadores arrependidos (cf. P. Suess, 2019, p. 15): “Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer” (EG 48).

O Papa Francisco tem em mente uma teologia pastoral em chave missionária baseada sobre quatro colunas (cf. P. Suess, 2019, p. 13): 1) “Abandonar o cômodo critério pastoral do ‘sempre se fez assim’” ((EG 33); 2) “escutar a todos” em um processo participativo, “porque o próprio rebanho possui seu olfato para individualizar novas estradas” (EG 179); 3) “saída de si em direção ao irmão” (EG 179), porque a Igreja missionária é uma Igreja “em saída”; “no irmão encontra-se o permanente prolongamento da

*encarnação para cada um de nós: ‘Tudo o que tiverdes feito a um só destes meus irmãos mais pequeninos, o tendes feito a mim’ (Mt 25, 40)” (EG 179); 4) centrar o anúncio no essencial (cf. EG 35), porque “os aparatos conceituais existem para favorecer o contato com a realidade que se quer explicar e não para afastar-nos dela” (EG 194). E não podemos esquecer-nos que a Igreja não cresce fazendo proselitismo, mas “por atração”, como o repetiu muitas vezes o Papa Francisco (cf. EG 14).*

O Papa considera um desafio pastoral para a Igreja “*a formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais*” (EG 102), destinadas não somente à formação doutrinária, mas sobretudo ao crescimento, para “*observar o que o Senhor nos indicou como resposta ao seu amor, onde ressalta, juntamente com todas as virtudes, o mandamento novo que é o primeiro, o maior, o que melhor nos identifica como discípulos: ‘Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros com eu vos ame’ (Jo 15, 12)”* (EG 161).

Ainda uma vez, Papa Francisco incita-nos com a exortação *Evangelii Gaudium*: “*Sabemos que ‘a evangelização não seria completa, se não levasse em conta o recíproco apelo que fazem continuamente o Evangelho e a vida concreta pessoal e social do homem’. Trata-se do critério de universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, do momento em que o Pai deseja que todos os homens se salvem, e o seu desígnio de salvação consiste em recapitular todas as coisas, as do céu e as da terra, sob um só Senhor, que é Cristo (cf. Ef. 1, 10)”* (EG 181).

#### ***g. A Evangelização: construir um mundo melhor***

O nosso mandato é: “*Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda criatura*” (Mc 16, 15), porque “*a criação espera com ânsia pela revelação dos filhos de Deus*” (Rm 8, 19). “*A criação quer dizer também todos os aspectos da natureza humana, de modo que ‘a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo possui uma destinação universal. O seu mandato da caridade abraça todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada de quanto é humano pode resultar-lhe estranho’. A verdadeira esperança cristã, que busca o Reino escatológico, sempre gera história*” (EG 181).

Isto significa empenhar-se na evangelização, levando em conta a doutrina social da Igreja sem fechar os olhos para os graves problemas sociais (cf. CCGG 96). Fazendo referência a São Francisco, a *Evangelii Gaudium* diz que “*uma fé autêntica - que nunca é cômoda e individualista - implica sempre um profundo desejo de mudar o mundo, de transmitir valores, de deixar alguma coisa de melhor depois da nossa passagem sobre a terra... Todos os cristãos, também os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor. Trata-se disto: o pensamento social da Igreja é em primeiro lugar positivo e prospectivo, orienta uma ação transformadora e, neste sentido, não deixa de ser um sinal de esperança que brota do coração cheio de amor de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, une o próprio empenho ao empenho abundante no campo social pelas outras igrejas e Comunidades Eclesiais, seja em nível de reflexão seja em nível prático*” (EG 183).

É bom que os franciscanos indaguem por toda parte sobre as causas dos problemas sociais, de modo tal que ajudem as pessoas a entrever as possíveis soluções. Portanto, deverão ir sempre em profundidade para não permanecer sempre e unicamente no nível de assistência elementar primária. E nesta oferta é essencial manter

a humilde consciência de que a proposta do modo franciscano de trabalhar por um mundo mais justo não é a única nem a melhor, mas só a nossa contribuição para uma maior fraternidade humana.

De outra parte, os franciscanos deveriam sempre recordar o que Jesus disse: “vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 13). Em outros termos, deveriam distinguir-se lá onde vivem e evangelizam; deveriam ser um sinal eficaz e um verdadeiro testemunho da presença de Deus.

#### *h. Conduta diante da sacralidade das pessoas*

Coalisão de Oslo sobre a Liberdade de Religião ou de Credo - 2009

cópia da: <https://www.jus.uio.no/smr/english>

Todos os missionários evangelizadores, também os franciscanos, são convidados a assumir uma conduta que esteja de acordo com as recomendações da OC (Oslo Coalition on Freedom of Religion or Belief - Coalisão de Oslo sobre a liberdade de religião ou de Credo) publicadas em 2009. De fato, em novembro de 2009, o OC lançou o documento *Recomendações para as Regras de Base sobre atividades Missionárias*, centrado sobre os “enviadores” da ação missionária e procurou estabelecer os direitos humanos e os padrões éticos de conduta envolvidos nas missões:

- **Comunicar o credo de modo ético** - A organização missionária deveria concentrar-se no próprio credo e não deveria falsificar ou macular a fé dos outros com a finalidade de afastar os seguidores da sua religião.
- **Comunicar o credo em situações interculturais** - Quando a organização missionária se dirige do exterior a uma sociedade, deveria estar sensível às diferenças culturais internas daquela sociedade e evitar ações que naquele contexto sejam consideradas desrespeitosas ou discutíveis, compreendidas aquelas definidas como tais por motivos religiosos. No entanto, ninguém deve estar vinculado por normas culturais e/ou religiosas que se oponham à liberdade de promover e de acolher ideias ou que promovam a desigualdade entre os grupos.
- **Comunicar o credo através da educação e do trabalho de beneficência** - As atividades missionárias não só comunicam uma religião ou uma visão do mundo através da comunicação verbal, mas incluem também uma vasta gama de atividades correlatas úteis a promover a religião ou a visão do mundo como uma opção que os outros podem aceitar. Dois são os campos de ação em que as atividades missionárias são frequentemente envolvidas, exigindo uma particular sensibilidade para o contexto em que se desenvolvem: as atividades educativas e as atividades de promoção humana e os serviços sociais.
- **Comunicar o credo a grupos vulneráveis e/ou destituídos de poder** - Será necessário lançar um olhar especial nas atividades missionárias para os grupos vulneráveis ou desfavorecidos. A ação humanitária e construtiva da comunidade humana deveria ser objetivo prioritário na comunicação da fé, especialmente quando se trabalha com crianças, refugiados e os que pedem asilo, discriminados por questões de gênero.

## 2. Cenários de evangelização à luz da animação e da legislação da Ordem

### a. “Onde quer que se encontrem as pessoas...”

A universalidade das presenças franciscanas é reconhecida na Carta a toda a Ordem: “para isto vos mandou pelo mundo inteiro, a fim de que deis testemunho à voz dele com a palavra e com as obras” (Ord 9); e vem expressa depois nas Constituições: “todos os frades, guiados pelo Espírito Santo, são mandados a fim de que proclamem o Evangelho em todo o mundo a toda criatura” (CCGG 83, 1). Fazendo seu caminho, durante a história da Ordem, os franciscanos ampliaram sempre mais a presença evangelizadora para chegar aos nossos tempos com cerca de 70% dos frades atuando em paróquias e santuários. Existe já uma consciência clara: o problema não é “onde” estar, mas “como” estar. Isto pode tornar-se um obstáculo à evangelização.

### b. Proclamação da Palavra

O anúncio da Palavra no estilo franciscano será sempre uma proposta e nunca uma imposição, partilha e não uma doutrinação, inculturação com a catequese e não neocolonialismo (cf. CCGG 92, 2; 106; EG 68-70; 74. 116-117). Nas diversas formas de pregação os franciscanos devem manter a simplicidade, o respeito, usar “*brevidade de palavras*” (cf. RB 9), oferecendo um conteúdo bem preparado e uma base bíblica e profética (cf. CCGG 100-105). Particularmente para a homilia franciscana é bom observar o que está dito e também as sugestões do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG 135-144).

As Constituições pedem aos franciscanos uma dimensão profética da pregação, e por isso é necessário perscrutar atentamente os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho como pede *Gaudium et Spes* (GS 4; cf. CCGG 102, 2). Os diferentes meios de comunicação oferecem oportunidades de evangelizar e defender a verdade (cf. CCGG 109; 110; EG 87). O CPO 2018 levou em consideração o que pode ser arriscado para os jovens no interior do mundo virtual. Daí resulta a necessidade de conhecer bem os meios de comunicação, utilizando-os com responsabilidade (cf. CPO 2018, 109-110). A evangelização dos jovens é uma das prioridades nos nossos tempos (cf. CCGG 96; EEGG 54; 60; CPO 2018, 149-153). De modo particular, é necessário escutar e acompanhar os jovens e famílias, onde está em jogo o futuro da sociedade, da nossa Igreja, da nossa Ordem e salvaguardar a promoção, a defesa e a dignidade da vida em todas as suas fases.

### c. Missão evangelizadora com os jovens

Uma grande oportunidade para evangelizar os jovens é a pastoral educativa: escolas, colégios, universidades. O SGME publicou “*Ide e ensinai*” (2009) que propõe alguns percursos de ação:

- a) desenvolver um plano de animação pastoral para o suporte das características culturais, sociais, econômicas e linguísticas, à luz da espiritualidade franciscana.
- b) encorajar a organização da pastoral juvenil, familiar e vocacional que possa apresentar de forma clara, audaz e respeitosa o estilo de vida da Ordem franciscana.

- c) encorajar o exercício de verificação do impacto da missão na comunidade educativa.
- d) contribuir para estabelecer as políticas e os procedimentos para a seleção do pessoal educativo do Centro.
- e) Esclarecer e sustentar uma correta relação de autonomia e dependência entre a instituição educativa e a Universidade dos frades” (Ide e ensinai, p. 54).

#### ***d. Evangelização nas paróquias e nos santuários***

O subsídio “Enviados para evangelizar em fraternidade e minoridade na paróquia (2009)” recordou-nos que, de acordo com o carisma e a espiritualidade franciscana, a fraternidade evangelizadora nas paróquias e nos santuários deveria ser uma fraternidade atraente pelo testemunho de vida, pelo empenho dos frades a ser verdadeiras testemunhas do Evangelho antes de ser mestres; uma fraternidade consciente de que a primeira opção pastoral é a santidade a viver e a propor; uma fraternidade capaz de ir ao encontro das famílias que não vão à paróquia, de quem vive na marginalidade e daqueles setores ainda não iluminados pela luz do Evangelho como o mundo da comunicação, da arte, da cultura, da economia, da política e do espetáculo; uma fraternidade capaz de oferecer cálida acolhida, começando pela escuta, pelo sacramento da consolação; uma fraternidade profética que ilumina os valores da vida, se levanta a favor dos pobres, denuncia com coragem as injustiças, busca sempre um estilo de vida na mais evangélica sobriedade e solidariedade com os fracos (cf. RM, 37; Enviados para evangelizar em fraternidade e minoridade na paróquia, p. 59-60).

E a paróquia aos cuidados dos frades deveria ser uma paróquia de missionários, onde ressoa o primeiro anúncio do Evangelho e a “memória escatológica” da vinda gloriosa do Senhor; uma paróquia capaz de boa comunicação; uma paróquia do diálogo com capacidade de escuta, de acolhida e de integração do diferente; uma paróquia-família aberta e acolhedora, onde a evangelização envolve todos os membros do povo de Deus, oferecendo-lhes formação; uma paróquia do claustro “sem limites”; uma paróquia sensível e apaixonada que se coloca a serviço dos menos afortunados; uma paróquia com o coração de Francisco que vai servir os leprosos e encontrar as pessoas nas praças e ruas (cf. Enviados para evangelizar em fraternidade e minoridade na paróquia, p. 61-62).

Os santuários têm uma realidade específica e ainda importante. Papa Francisco, no seu *motu proprio* *Sanctuarium in ecclesia* de 2017, escreveu que os santuários são um “*um sinal peculiar da fé simples e humilde dos crentes que encontram nestes lugares sagrados a dimensão basilar da sua existência crente. Aí experimentam de modo profundo a proximidade de Deus, a ternura da Virgem Maria e a companhia dos Santos*”. Além disso, o Papa chama a atenção para a acolhida das pessoas que vão aos santuários e participam de “*uma experiência de verdadeira espiritualidade que não pode ser desvalorizada, sob pena de danificar a ação do Espírito Santo e a vida da graça*”. Para os franciscanos, os santuários tornam-se sempre uma oportunidade de evangelizar na qual se pratica a acolhida, a fraternidade com uma atitude de pastores que nunca “mandam” (cf. 1Pd 5, 3), antes se tornam sinal da presença de Deus e semeiam esperança em cada peregrino.

### ***e. A missão evangelizadora nos meios de comunicação***

A mídia representa, já faz algum tempo, um espaço sempre mais privilegiado e estimulante para a missão evangelizadora franciscana. A Ordem e os frades, em seu trabalho em todo o mundo, estão presentes na mídia mais conhecida e tradicional, como estações de rádio ou televisivas, casas editoras, jornais e revistas, quer estes se encontrem sob a responsabilidade de uma instituição franciscana quer não. Nos últimos tempos, surgiram novos meios de comunicação, conhecidos comumente como “redes sociais” que representam uma possibilidade de ação quase ilimitada. A experiência demonstrou que, se nas “redes” há espaços para a difusão do mal e a promoção do ódio, há também espaço para uma presença pacífica e construtora de paz. Aqui podemos recordar as palavras do Evangelho de Mateus, que dão início ao capítulo da Regra não Bulada sobre as missões: “Diz o Senhor: Eis que vos envio como cordeiros para o meio dos lobos. Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas (Mt 10, 16)” (RnB 16, 1).

A atividade franciscana na mídia deve ser sempre iluminada pela verdade e pela mensagem do Evangelho. O pontificado de Papa Francisco é marcado por um convite a uma “Igreja em saída”. A presença franciscana na mídia é uma ocasião para alcançar aqueles espaços que gravitam além da fronteira institucional, seja franciscana, seja eclesial, constituindo assim uma forma privilegiada de “Igreja em saída”. A mídia franciscana deve ser: espaços de diálogo, caracterizados pela abertura à pluralidade de pensamento que contribui para o bem comum; espaços para a paz, caracterizados pelo modo de ser de Francisco de Assis que guiou a sua vida e a sua ação na busca da “paz e do bem”; espaços para o apoio a projetos humanizantes, em que vem colocada em evidência a construção da família humana onde todos são irmãos e irmãs.

As “redes sociais”, nascidas e crescidas vertiginosamente nos últimos anos, têm sido também um possível lugar de ação para a missão evangelizadora. Dadas as situações de polarização política, religiosa, social, de gênero, não raramente estes espaços se tornaram mais campos de batalha, de transmissão de ódio e de notícias falsas do que lugares de encontro e de comunicação. Para o franciscano aqui se aplica particularmente a afirmação da Regra não Bulada sobre o modo de estar na missão: “*que não litiguem nem disputem*” (RnB 16, 6). A ação franciscana, através dos meios sociais, vai da interrupção da partilha de mensagens que causam divisão à formação ou à adesão a grupos que promovem a paz, o diálogo e a humanização.

### ***f. A missão evangelizadora com migrantes, refugiados e marginalizados***

A realidade dos migrantes, dos refugiados e dos marginalizados é um fenômeno sempre mais presente em quase todos os países e evidencia tragédias econômicas, sociais, políticas e religiosas. Migrantes e refugiados deixam a sua pátria por diversos motivos: conflitos, violência, perseguição política, guerra, busca de uma vida mais digna. Muitos migram dentro de seus próprios países: destituídos dos seus espaços e direitos, vivem como cidadãos, mas à margem da cidadania. Várias destas pessoas são obrigadas também a buscar as regiões centrais das grandes cidades, onde lutam desesperadamente pela sobrevivência, vagando pelas estradas na esperança de algum “bom samaritano”, dormindo nas calçadas ou sob viadutos. A sociedade, em muitos casos, procura reagrupar migrantes, refugiados, transformados em verdadeiros e

próprios depósitos de desumanidade. Esta realidade recorda muito a condição dos leprosos no tempo de Francisco de Assis, expulsos dos muros da cidade e obrigados a sobreviver à margem, mendigando para continuar a existir. E Francisco converteu-se exatamente no encontro com o leproso.

Antes de tudo, migrantes, refugiados e marginalizados nos evangelizam. Neles encontramos o próprio Senhor que “*se humilhou*” (Fl 2, 8), e eles nos recordam que somos peregrinos e estrangeiros neste mundo. Em segundo lugar, a atitude de evangelização nesta realidade passa através do anúncio da Palavra de Deus que se faz gesto e atitude, não necessariamente pregação e proclamação. O mandato evangélico é, portanto, sobretudo uma atitude de acolhida, um gesto de caridade e solidariedade para com estes irmãos e irmãs, uma ajuda para a integração social em outro país, em outra cultura, em outra realidade urbana, a ponto de sentirem-se respeitados e amados na sua dignidade de pessoas, restituindo-lhes aquilo que é um direito e não uma esmola: a cidadania humana.

### ***g. Colaboração e diálogo***

As Constituições falam de colaboração entre todos os membros da família franciscana (cf. CCGG 59, 60; 88), de empenho pela educação (cf. CCGG 84; 111, EEGG 54; 60), de presença entre os grupos secularizados (cf. CCGG 87, 3), de evangelização das cultura e promoção dos valores (cf. CCGG 94), de admoestação dos poderosos e dos ricos (cf. CCGG 98). Nestes e em outros âmbitos, os frades devem empenhar-se pelo diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural (cf. CCGG 93; 95) e sempre viver e agir nas dimensões de justiça, paz e integridade da criação (CCGG 85; 96).

Através do diálogo ecumênico, a Igreja Católica participa da louvável ação de restabelecer a unidade visível de todos os cristãos: o único Corpo de Cristo que o distanciamento e o pecado dividiram (cf. EG 244-246). Através do diálogo inter-religioso, ao contrário, a Igreja abrange, com profundo respeito, os fiéis das tantas religiões do mundo para promover a justiça e a paz entre todos os filhos de Deus sobre a base da recíproca compreensão, do respeito e do amor (cf. EG 247-254). Certamente, a verdade de Deus e do Evangelho é mais do que a verdade humana. Os missionários devem realizar isto junto com todos os crentes, de modo que juntos possam ser guardas da vida e semear a esperança.

### ***h. Viver a ecologia integral***

A ligação de Francisco com a ecologia, que nós modernos fazemos, justifica-se pela relação especial que ele teve com todas as criaturas e que é bem documentado pelos seus escritos e pelas suas biografias.

O Cântico do Irmão Sol testemunha particularmente o olhar contemplativo de Francisco para com as criaturas, as do céu e as da terra, nas quais reconhece antes de tudo que “*de ti, Altíssimo, traz o significado*”. Francisco é consciente de que o único artífice e Senhor de tudo é Deus, e isto o conduz a contestar a lógica mundana do poder e da propriedade, que põe o homem como senhor de tudo. Pelo contrário, Francisco reconhece uma ligação fraterna que o leva a chamar toda criatura de irmão e de irmã.

A motivação mais profunda do empenho ecológico do franciscano, nos passos de Francisco, é, portanto, uma motivação teológica, no sentido de que reenvia a Deus,

reconhecido como criador de tudo e que pede respeito para com a sua criação, dada por ele a todos e não somente a poucos.

As nossas Constituições retomam este tema: “*Seguindo os passos de São Francisco, os frades mostrem um senso de reverência para com a natureza, hoje ameaçada por toda parte, para torná-la integralmente fraterna e útil a todos os homens, para glória de Deus Criador*” (CCGG 71).

Com a publicação da encíclica *Laudato Si'*, Papa Francisco quis ligar o seu convite a uma “*conversão ecológica*” à figura de Francisco de Assis, evocado mais vezes no texto e até no título da encíclica (cf. Grito da terra e o grito dos pobres, JPIC OFM).

O CPO 2018 levou-nos a reconhecer que o empenho pelo cuidado da criação e a promoção da justiça e da paz exigem a sobriedade no estilo de vida e a sensibilidade pela solidariedade ecológica e social como expressões próprias do carisma franciscano (cf. CPO 2018, 114). E, citando a *Laudato si'*, faz-nos reconhecer também que nem “*sempre nós, cristãos, temos colhido e feito frutificar as riquezas que Deus deu à Igreja, onde a espiritualidade não é desligada do próprio corpo, nem da natureza ou da realidade deste mundo, mas antes vive com essa e nessas em comunhão com tudo o que nos circunda*” (LS 216), pelo que Papa Francisco nos convida à ‘conversão ecológica’ (cf. LS 216- 221)” (CPO 2018, 118). O CPO, em substância, convida-nos a fazer uma clara e radical escolha em direção às modalidades de vida indicadas pela *Laudato si'*, como indivíduos, como fraternidade, como entidade e como Ordem internacional (cf. CPO 2018, 154).

### ***i. Empenho pela paz e a justiça***

Assim lemos na *Gaudium et Spes*: “A paz não é simples ausência de guerra, nem pode reduzir-se unicamente a tornar estável o equilíbrio das forças adversárias; ela não é efeito de uma despótica dominação, mas vem com toda exatidão definida como obra da justiça (Is 32, 7)... Tal paz não se pode obter sobre a terra, se não é tutelado o bem das pessoas e se os homens não podem trocar entre si com confiança e livremente as riquezas de seu espírito criador. A firme vontade de respeitar os outros homens e os outros povos e a sua dignidade e a assídua prática da fraternidade humana são absolutamente necessárias para a construção da paz. Deste modo, a paz é fruto também do amor, que vai além do que pode trazer a simples justiça... todos os cristãos são chamados com insistência a praticar a verdade no amor (Ef 4, 15) e a unir-se a todos os homens que amam sinceramente a paz para implorá-la do céu e para atualizá-la” (GS 78).

Onde quer que se encontrem, os franciscanos devem denunciar as ações bélicas e tudo aquilo que ameaça a vida. As Constituições dizem: “Conscientes dos atrozes perigos que ameaçam o gênero humano, os frades denunciem firmemente toda espécie de guerra e a corrida armamentista como chaga gravíssima para o mundo e como a maior ofensa aos pobres, que não economizam fadigas e penas para construir o Reino do Deus da paz” (CCGG 69, 2).

Todos os franciscanos têm o dever de empenhar-se na defesa dos direitos humanos. As Constituições são claras: “Ao defender os direitos dos oprimidos, os frades, renunciando a toda ação violenta, recorram aos meios que de outra parte estão à disposição também dos mais fracos” (CCGG 69, 1). Assim deve acontecer para contribuir para a construção de uma nova sociedade, onde ainda permanecem situações de



degradação humana: “Visto que grande parte da humanidade é mantida até agora na pobreza, na injustiça e na opressão, os frades se dediquem, junto com todos os homens de boa vontade, a instaurar, no Cristo ressuscitado, uma sociedade justa, livre e pacífica e, analisadas as causas de cada situação, participem das iniciativas de caridade, de justiça e de solidariedade internacional” (CCGG 96, 2).

Nas situações de injustiça e opressão são os pobres a sofrer mais. O carisma franciscano impulsiona-nos à solidariedade com eles. Por isso, as Constituições afirmam que, “para dar testemunho de pobreza e de caridade, os frades, com os bens destinados ao uso da fraternidade, são obrigados a socorrer as necessidades da Igreja, a prestar ajuda àqueles que se encontram em uma verdadeira necessidade e a tornar os pobres participantes dos bens, segundo a norma dos Estatutos Particulares (CCGG 53). Seguem depois algumas indicações práticas: “Os bens confiados ao uso dos frades, segundo a legítima disposição dos Estatutos particulares, sejam partilhados em benefício dos pobres” (CCGG 72, 3). De fato, os franciscanos devem prestar atenção para não apegar-se aos bens materiais. Os missionários representam a Igreja que deve ser caridosa e pobre. Não é lícito, de acordo com o Evangelho e a Regra, ter propriedades que não estejam a serviço dos pobres.

# PLANO MISSIONÁRIO

## E ORGANIZAÇÃO DA EVANGELIZAÇÃO

Até aqui delineamos as bases fundamentais e as preocupações mais importantes na nossa vida de missão evangelizadora. Agora, dedicamos estas últimas duas seções respectivamente a elencar alguns pontos e princípios sobre como elaborar um plano missionários de evangelização e a oferecer uma revisão das missões de base e do fluxo organizativo da evangelização, da colaboração e das funções sobretudo entre os agentes-chave. Ambas as seções, dado o seu âmbito, desenvolvem um papel estratégico para realizar com sucesso os nossos objetivos.

### 1. Estrutura e passos necessários para construir um Plano de Evangelização

Mesmo se no capítulo V dos Estatutos Gerais não se fale de “projeto de missão e evangelização”, todos estamos convencidos da necessidade de um projeto para cada atividade missionária evangelizadora. Tal projeto vem elaborado em fraternidade, deve ser objetivo, claro, com um calendário para cada ação evangelizadora e para uma avaliação frequente. Um exemplo de estrutura do projeto pode ser o seguinte:

A) uma **primeira parte** deve ser dirigida à dimensão da **nossa identidade: quem somos**. Devem ser individuados **os nossos pontos fortes**, os nossos recursos como consagrados franciscanos, como fraternidade contemplativa em missão, como Ordem presente em tantos países e empenhada em projetos missionários, seja os tradicionais, seja os de vanguarda... É necessário ver também quais são **as nossas fragilidades** e chegar a reconhecer que nem sempre é possível realizar tudo e sempre; compreender que cada missionário é frágil e deve lidar com as próprias fraquezas. Concretamente, se deve avaliar a capacidade de gestão e acompanhar o projeto até o fundo. Mas é preciso recordar também que há sempre uma margem de melhoramento e de crescimento pelo que é necessária uma justa introspecção no nosso “ambiente interno (ad intra)”, examinando “luzes e sombras” à base de um padrão de referência radicado no nosso carisma. É o primeiro passo para este crescimento e para o cumprimento e a realização dos nossos planos e objetivos.

B) uma **segunda parte** deve ser reservada a **um olhar sobre o contexto em que estamos** para fazer uma leitura crítica da realidade. É necessário reconhecer **as luzes e sombras** das realidades nas quais vivemos e que queremos evangelizar; é necessário ver os principais **problemas** e os **desafios** a enfrentar para fazer chegar a verdade do Evangelho e construir o Reino de Deus. Nesta parte, encontramos também um dos maiores desafios para a Ordem: **ler os sinais dos tempos** (cf. EG 51; 108). Por meio do CPO 2018 e a sua dinâmica sinodal, compreendemos melhor a necessidade de recorrer a peritos para sermos ajudados a colher as rápidas mudanças que acontecem hoje no mundo, na Igreja e na Ordem. É necessária também uma análise crítica dos paradigmas de missão e das práticas missionárias lá onde devem atuar os missionários. Portanto,

examinar o nosso “ambiente externo (ad extra)” é um desafio para descobrir as “oportunidades e as ameaças” existentes na realização da nossa *forma vitae* em cada contexto. A identificação e a atribuição de prioridades são estratégicas para elaborar planos sólidos e eficazes a fim de realizar as nossas missões evangelizadoras como correspondentes aos sinais dos tempos.

C) uma **terceira parte** deverá fazer-nos refletir sobre **nosso quadro teórico** que levará em conta a dimensão bíblica, teológica, franciscana e antropológica da missão e evangelização do franciscano na Igreja em saída. Sobre este ponto oferecemos uma reflexão mais ampla nas páginas precedentes. Tal quadro se torna, portanto, um “padrão de referência” para os passos concretos a empreender no confrontar e realizar os nossos planos de evangelização franciscana, levando em conta os “pontos de força e de fraqueza” identificados no nosso ambiente interno e as “oportunidades e ameaças” do nosso ambiente externo. Devemos ser exigentes ao usar os nossos padrões de referência. A este propósito, podem usar como orientação no desenvolvimento do nosso ministério concreto as diretrizes de animação que o SGME produziu até agora: *Enviados a Evangelizar em minoridade e fraternidade na Paróquia* (2009), *Ide e Ensinaí - Diretrizes para a Educação franciscana* (2009) e *Ide e Anunciaí - Diretrizes para as novas formas de vida e de missão na Ordem dos Frades Menores* (2014/2017).

D) na **quarta parte** do projeto, são elencados os **objetivos** da nossa missão evangelizadora. Dos pontos de força e de fraqueza individuados (ad intra) e das oportunidades e ameaças (ad extra) descobrimos as preocupações e/ou problemas prioritários e estratégicos que queremos enfrentar e a que queremos dar resposta adequada e identificamos **onde queremos chegar** com o nosso compromisso. Além do objetivo de construir o Reino de Deus, de vida e de paz, que permanecerá sempre o principal para a salvação das pessoas, é necessário estabelecer os outros objetivos que permitem alcançar a concretude das atividades e das ações. Daqui, dos Objetivos Gerais (Término), deduzimos diversos Objetivos Específicos (Habilitação) para realizar os primeiros. Recordamos que Papa Francisco insiste na sua Exortação *Evangelii Gaudium* no compromisso de todos por um mundo melhor. O projeto missionário evangelizador do franciscano não pode deixar fora este compromisso tão importante para hoje e para o futuro; deverá, por isso, seguir de perto os quatro eixos: 1) o tempo é superior ao espaço (EG 222-225); 2) a unidade prevalece sobre o conflito (cf. EG 226-230); 3) a realidade é mais importante do que a ideia (cf. EG 231-233); 4) o todo é superior à parte (EG 234-237).

O melhor modo para escrever os objetivos é o formato “SMART”, ou seja, eles devem ser Específicos, Mensuráveis, Alcançáveis, Relevantes/Realistas e Temporais. Com os objetivos claros se alcança a parte em que se definem **as atividades e as ações** concretas a desenvolver. Para cada ação é necessário levar em conta **critérios evangélicos e franciscanos**. Com as atividades concretas a colocar em foco se chega a **planos de ação** que deverão ser observados por todos os missionários evangelizadores. É fundamental estabelecer as atividades e os planos, levando em conta um orçamento que possa garantir o desenvolvimento das atividades até o fim do projeto, para não correr o risco de permanecer na metade do caminho. Particularmente, para as ações concretas é necessário prestar atenção ao modo de comunicar-se com as pessoas nos âmbitos culturais, étnicos, sociais, linguísticos em que encontramos uma ampla diversidade de pensamento, de significados linguísticos, de valores e de hábitos.

Enfim, para chegar a estes objetivos e às atividades a eles ligados, é necessário definir e individualizar correspondentes indicadores de sucesso objetivamente verificáveis que possam ser monitorados para medir a performance de uma atividade evangelizadora particular. Deste modo, os dados sobre as prestações servirão como rico terreno de informações para uma base mais completa da nossa avaliação, seja durante seja depois da fase de implementação de qualquer atividade e programa. Estes são também chamados “indicadores-chave de performance (KPI)”, estabelecidos para medir os desempenhos, que se ligam à consecução dos nossos objetivos evangelizadores e/ou ao objetivo da Ordem como parâmetro de referência radicado no nosso carisma franciscano.

**E) A quinta parte** é relativa às estratégias. É fundamental ter **uma estratégia** para chegar aos objetivos estabelecidos e aos resultados das ações (mesmo que a palavra tenha sua origem no âmbito militar, hoje falamos de estratégia para enfrentar diversas situações também pessoais). A estratégia oferece a possibilidade de reconhecer as oportunidades de evangelização, de estabelecer metas e métodos de atuação no âmbito da evangelização. Para chegar a uma estratégia pode-se utilizar o método SWOT (Strengths - Forças), (Weakness - Fraquezas), (Opportunities - Oportunidades) e (Threats - Ameaças). Se no primeiro passo do projeto olhamos ad intra (ambiente interno), para a estratégia olhamos mais ad extra (ambiente externo) e a como podemos dirigi-lo a nosso favor. Normalmente, com o método SWOT, utilizamos os pontos de força que identificamos (ad intra) e canalizamos as oportunidades individuais (ad extra) para realizar uma intervenção muito forte que provavelmente gerará sucesso na realização dos nossos objetivos. Outra estratégia se baseia ou no enfrentamento dos nossos pontos fracos (ad intra), aproveitando as oportunidades (ad extra) ou utilizando os nossos pontos de força (ad intra) para enfrentar as ameaças existentes (ad extra). A estratégia mais fraca é, obviamente, colocar juntas as nossas fraquezas (ad intra) e as ameaças existentes (ad extra). Isto criaria provavelmente problemas maiores ou levaria justamente à fracassada consecução dos nossos objetivos.

Faz parte das estratégias fornecer uma boa comunicação do projeto, das atividades, dos resultados... sobretudo à comunidade em que se desenvolve, mas também à sociedade local e aos “parceiros” do próprio processo.

**F) A sexta parte** se concentra na **avaliação**. Cada projeto tem uma fase de construção, uma fase de execução ou de realização, uma fase de monitoramento e finalmente uma fase de avaliação. Uma vez iniciada a fase de implementação, devemos monitorar as nossas atividades/programas em intervalos regulares e registrar os “dados de performance” observados. A fase de monitoramento é muitas vezes esquecida, mas é muito importante para o sucesso das nossas atividades evangelizadoras. A análise de qualquer discrepância ou lacuna em um determinado momento depois do monitoramento torna-se útil para modificar as contribuições, de modo a alcançar os objetivos desejados.

Uma vez completada a atividade, é necessário ao menos perguntar-se: quais são as áreas importantes a seguir? O que devemos reforçar? O que devemos mudar? O que acrescentar? O que aprendemos? Os dados de performance registrados e obtidos na fase de monitoramento são uma rica fonte de informações, muito útil para uma avaliação mais completa e acurada. A avaliação deveria envolver os confrades missionários evangelizadores, os leigos que participaram da missão, os leigos evangelizadores e, se

se considerar oportuno, outras pessoas estratégicas que poderão contribuir para dar um novo impulso à missão evangelizadora para realizar **um novo projeto**.

Feita a avaliação, temos necessidade de identificar o problema ou os problemas prioritários e/ou estratégicos que obstaculizaram e/ou impediram a realização do nosso objetivo, levando em conta os nossos pontos de força e de fraqueza (ad intra) com relação às oportunidades e às ameaças específicas de um contexto e de um período, sobretudo para as tendências e as realidades emergentes que devemos enfrentar à medida que o programa e as atividades evangelizadoras progridem. Temos necessidade, além disso, de escolher um “padrão” de referência e estratégias para criar novos planos que enfrentem os problemas individuais e alcancem ao máximo as nossas finalidades com a definição de novos objetivos e indicadores-chave de performance, em base às exigências do momento. Sucessivamente, deveríamos aplicar as intervenções e as estratégias identificadas, organizar uma coleta de dados de performance e avaliar novamente os resultados.

## **2. Organização de base das missões e da evangelização na Ordem**

Frequentemente, na projeção falta a consciência da importância de um organograma consolidado que tenha um papel crítico na realização de qualquer plano de ação e atividade. Esta última seção exorta os frades a reverem e a alinharem os movimentos de colaboração e as relações existentes que regulam o funcionamento das missões e as atividades e os programas de evangelização na sua entidade. Isto poderia determinar o sucesso de qualquer missão evangelizadora. Devemos dar-nos conta de que a maior riqueza de uma organização é o seu recurso humano, claramente exaltado pelo próprio São Francisco quando exclamou: “*Deus me deu irmãos!*”

### ***a. O Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização (SGME)***

“O Secretariado geral para as Missões e a Evangelização é estruturado em dois setores: um para a evangelização e outro para a evangelização missionária” (EEGG 49, 1).

“É tarefa do Secretariado geral para as Missões e a Evangelização, sob a dependência do Ministro geral:

- apoiar o testemunho da presença franciscana e animar as obras de evangelização;
- cuidar e promover, com meios e iniciativas adequadas, a evangelização na Ordem;
- coordenar e acompanhar as atividades missionárias da Ordem e das Províncias;
- discernir, à luz do carisma franciscano e das exigências do nosso tempo, todas as iniciativas de evangelização;
- promover uma sempre maior colaboração entre as Províncias e entre as Conferências dos Ministros provinciais” (SSGG 48).

### ***b. O Conselho Internacional para as Missões e a Evangelização (CIME)***

“O CIME é composto pelos Delegados de todas as Conferências dos Ministros provinciais e por outros frades” (EEGG 50). O CIME é, por sua natureza, um órgão consultivo que ajuda o SGME (cf. EEGG 50, 1), valendo-se de instrumentos como:

reflexão, discernimento, sugestões, conselhos e recomendações com a finalidade de assistir o Ministro geral e o seu Definitório na animação, cuidado e avaliação de toda a evangelização da Ordem, regulando e cuidando da evangelização missionária (cf. EEGG 47, 1-3; 63, 2).

***c. Secretariado para as Missões e a Evangelização em nível de cada Entidade:***

*“Cada Província (ou Custódia) tenha o seu Secretariado para as Missões e a Evangelização, a que preside o respectivo Secretário. O Secretariado é composto pelo Animador das Missões, pelo Animador para a Evangelização e por outros frades segundo os Estatutos particulares e peculiares”* (EEGG 51, 2).

A estrutura organizativa de base dos SME deveria ser bem estabelecida em cada uma das Entidades da Ordem para guiar os frades com os fluxos de colaboração e as relações existentes que regulam o funcionamento na missão evangelizadora da Entidade. Portanto, espera-se que um claro quadro organizativo mostre a correlação entre governo, cooperação e animação na própria Entidade, funcionando como “caixa de marcha” para realizar de modo eficiente e com sucesso as missões evangelizadoras e as tarefas, os impulsos e as aspirações coligadas a essas.

O SME, como expressamente prescrito pelos Estatutos Gerais (EEGG 51, 2), é composto pelo Secretário, pelo Animador das Missões, pelo Animador da Evangelização e por outros frades. Deseja-se que participem o Secretário para a Formação e os Estudos e/ou o Moderador da Formação Permanente; o Animador de Justiça, paz e Integridade da Criação (JPIC); o Animador do Serviço para o Diálogo, o Chefe do Conselho Financeiro e os leigos evangelizadores.

Na qualidade de encarregados para as missões e a evangelização, os membros/irmãos e os ofícios ligados partilham e contribuem para realizar as seguintes tarefas gerais que o Secretariado para as Missões e a Evangelização assume: promover e coordenar, em dependência dos Ministros e dos membros do Definitório, toda a evangelização e as missões da entidade; propor planos e projetos missionários e de evangelização de acordo com as diretrizes existentes para os SME (seja locais, seja do SGME), levando em conta as prioridades e os estímulos da Ordem e da Igreja; cuidar da correta realização dos planos e dos projetos aprovados para as missões e a evangelização; incluir, além disso, a ligação em rede e a colaboração com as atividades missionárias evangelizadoras em nível de conferências; desenvolver as tarefas confiadas pelo Ministro local e/ou pelo Secretariado geral para as Missões e a Evangelização.

# APÊNDICE

## Formação Missionária

### A. Fraternidade inter-obediencial de Bruxelas

1. Aqui reportamos o que o projeto da fraternidade internacional e inter-obediencial propõe:

- fazer crescer a nossa fé através do contato com a Palavra de Deus;
- formar uma verdadeira fraternidade intercultural entre os franciscanos de todos os ramos da família franciscana;
- oferecer uma experiência intercultural que permita aos participantes compreenderem os valores e os limites das próprias culturas e das dos outros;
- oferecer tudo o que é necessário para discernir a própria vocação missionária;
- oferecer um lugar de reflexão sobre a tradição franciscana, os desenvolvimentos teológicos, as culturas (África e Ásia), sobre os choques culturais e sobre o país de destinação da missão.

2. Os objetivos são:

- a. Promover o desenvolvimento de um verdadeiro “projeto missionário para a Ordem” que compreenda:
  - uma maior consciência do nosso patrimônio cultural, intelectual e espiritual que no passado ajudou a Ordem a ser missionária;
  - uma reflexão missiológica franciscana;
  - uma metodologia de missão franciscana;
  - uma educação para a interculturalidade, especialmente nos centros formativos da Ordem.
- b. Oferecer e tornar obrigatória a preparação e a atualização não só dos missionários, mas também de todos aqueles frades que prestam serviço em outra cultura ou nação;
- c. promover a solidariedade entre aqueles que trabalham nas missões, o apoio econômico, em particular no setor da formação;
- d. encorajar a cooperação no interior das Conferências e entre as Conferências no desenvolvimento dos necessários projetos missionários, aportando as devidas modificações jurídicas;
- e. potencializar o Secretariado Geral para a Animação missionária com funções de informação, animação, planejamento e coordenação dos secretários em nível de Províncias e Conferências;
- f. encorajar a criação de projetos missionários com os leigos, particularmente com os da família franciscana (OFS; MI);
- g. continuar a experiência dos Congressos Missionários (nacionais, em nível de Conferências...) também sobre assuntos específicos (por exemplo, o diálogo com o Islão), dada a importância da partilha das experiências e da reflexão missionária proveniente de várias fontes;

- h. assegurar o acompanhamento contínuo das presenças da nossa missão, oferecendo aos nossos jovens frades uma sólida formação franciscana com responsáveis da formação adequadamente preparados;
- i. desenvolver uma melhor comunicação (línguas comuns, traduções, site Web) para favorecer uma compreensão recíproca e uma consciência missionária entre os frades.

### 3. Descrição sumária do programa de formação missionária

A Estrutura da apresentação deveria ser:

- a. As encíclicas missionárias: (*Evangelii nuntiandi*, *Redemptoris missio*); finalidade da missão: papel do missionário; “métodos” do missionário.
- b. Introdução ao país de destinação: geografia, história, particularidades, o cristianismo no país (origens, características, o franciscanismo no país (origens, características).
- c. Plano pastoral da diocese/país de destinação; prioridades da missão; de que modo a *Ecclesia in Africa* e *Ecclesia in Asia* são recebidas; desafios da missão.
- d. Método da missão pessoal; talentos e interesses pessoais; a via franciscana da missão.

#### Março / setembro

**Primeira semana:** Dinâmicas de grupo para criar fraternidade e sensibilidade intercultural. Introdução às missões franciscanas dos frades menores, dos frades menores conventuais, dos frades menores capuchinhos (grupo).

**Segunda semana:** Dinâmicas interculturais (Larry Webber): explicações e exercícios sobre a vida intercultural a fim de aceitar e compreender outras culturas.

**Terceira semana:** Espiritualidade missionária e a tradição franciscana (Damien Isabell): de que modo Francisco e a tradição franciscana compreendem o próprio papel marcado por Deus na missão da Igreja. Peregrinação de reconciliação com a União Europeia.

**Quarta semana:** História das missões franciscanas (Philippe Yates).

**Quinta semana e Primeira semana de outubro:** Governo missionário (Anselm Prior): cada missionário aprende a descobrir o próprio estilo de governo, os próprios pontos de força e de fraqueza; aprende a construir uma comunidade de base em torno da Palavra de Deus.

#### Outubro / abril

**Primeira e segunda semanas:** Festa de São Francisco. Governo missionário franciscano (continua). Visita à União Europeia durante todo o dia.

**Terceira semana:** Teologia missionária (Vincenzo Marcoli): uma panorâmica sobre as tendências teológicas contemporâneas nos estudos sobre a missão e descrição de uma abordagem franciscana.

**Quarta semana:** Justiça, paz e integridade da criação, defesa e não violência na missão franciscana (Mr. Yao e grupo).

**Quinta semana:** Interculturação, cultura africana (Benoît Michel)



## **Maio / novembro**

**Primeira semana:** Administração econômica (Aubert Bertrand): como compreender o papel do dinheiro na vida franciscana e missionária, como usá-lo responsabilmente. No fim deste curso, visita à Missionszentrale na Alemanha para ver concretamente de que modo os franciscanos ajudam os seus missionários. Visita aos missionários que trabalham com imigrantes turcos dentro da cidade.

**Segunda semana:** Cultura asiática (Jean-François Nguyen): Introdução a alguns aspectos do Sudeste asiático. No fim desta semana, partida para a Itália para um retiro guiado nos lugares santos franciscanos.

**Terceira semana:** Retiro nos lugares franciscanos. O programa termina depois do retiro.

## **B. Experiências de missão de breve duração (cf. [www.missiontomission.org](http://www.missiontomission.org))**

O “De missão em missão” (From Mission to Mission-FROM) assiste as pessoas na preparação e na elaboração de suas passagens interculturais, ministeriais e de vida para continuar o seu chamado cristão à missão.

O De missão em missão empenha-se em ajudar as pessoas envolvidas na missão de breve duração para fazer com que a experiência seja vivida do melhor modo possível por todos os sujeitos envolvidos: os participantes do grupo e aqueles que prestam serviço. Ajuda também a integrar tudo o que se descobre e se aprende durante a missão com o que se encontra ao retornar. Os recursos e os serviços de FROM são designados para assistir os responsáveis e os participantes de:

- a. Grupos de igrejas paroquiais irmãs
- b. Grupos de missão médica
- c. Grupos de envolvimento intercultural
- d. Grupos alternativos durante a pausa na primavera
- e. Grupos de missões paroquiais/diocesanas de breve duração
- f. Grupos de serviço escola superior e universidade.

# SUMARIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>4</b>  |
| <b>A NOSSA MISSÃO EVANGELIZADORA</b> .....                                    | <b>6</b>  |
| 1. Espírito de oração e devoção .....   | 6         |
| 2. Comunhão fraterna .....  | 7         |
| 3. Formação e estudos .....   | 8         |
| 4. Minoridade .....   | 9         |
| 5. Evangelização – Missão .....   | 10        |
| <b>A EVANGELIZAÇÃO FRANCISCANA</b> .....                                      | <b>12</b> |
| 1. Gênese da vocação missionária de Francisco .....                           | 12        |
| 2. A aprovação da “Forma vitae” em 1209 .....                                 | 12        |
| 3. Capítulo XVI da Regra não bulada .....                                     | 13        |
| 4. Princípios fundamentais da evangelização franciscana e das missões .....   | 16        |
| a. A visão espiritual de Francisco: (cf. 1Cel 84; 2Fi 4). .....               | 16        |
| b. Princípios fundamentais .....  | 17        |
| <b>RESPONDER AOS DESAFIOS EXISTENTES</b> .....                                | <b>19</b> |
| 1. À luz das realidades existentes e do chamado da Igreja .....               | 19        |
| a. O nosso mundo de hoje... ..  | 19        |
| b. A missão de evangelizar hoje.....  | 20        |
| c. Ser fraternidade profética .....   | 21        |
| d. Ministérios na missão .....  | 22        |
| e. A Igreja missionária ... “em saída...”: .....                              | 24        |
| f. Visão de Papa Francisco.....   | 25        |
| g. A Evangelização: construir um mundo melhor .....                           | 26        |
| h. Conduta diante da sacralidade das pessoas .....                            | 27        |
| 2. Cenários de evangelização à luz da animação e da legislação da Ordem ..... | 28        |
| a. “Onde quer que se encontrem as pessoas...” .....                           | 28        |
| b. Proclamação da Palavra .....   | 28        |
| c. Missão evangelizadora com os jovens .....                                  | 28        |
| d. Evangelização nas paróquias e nos santuários .....                         | 29        |
| e. A missão evangelizadora nos meios de comunicação .....                     | 30        |

|  |           |
|--|-----------|
| f. A missão evangelizadora com migrantes, refugiados e marginalizados .....  | 30        |
| g. Colaboração e diálogo.....  | 31        |
| h. Viver a ecologia integral.....  | 31        |
| i. Empenho pela paz e a justiça.....   | 32        |
| <b>PLANO MISSIONÁRIO E ORGANIZAÇÃO DA EVANGELIZAÇÃO .....</b>  | <b>34</b> |
| <b>1. Estrutura e passos necessários para construir um Plano de Evangelização.....</b>   | <b>34</b> |
| <b>2. Organização de base das missões e da evangelização na Ordem .....</b>  | <b>37</b> |
| a. O Secretariado Geral para as Missões e a Evangelização (SGME) .....   | 37        |
| b. O Conselho Internacional para as Missões e a Evangelização (CIME).....  | 37        |
| c. Secretariado para as Missões e a Evangelização em nível de cada Entidade:.....  | 38        |
| <b>APÊNDICE .....</b>  | <b>39</b> |
| <b>A. Fraternidade inter-obediencial de Bruxelas .....</b>   | <b>39</b> |
| <b>B. Experiências de missão de breve duração (cf. <a href="http://www.missiontomission.org">www.missiontomission.org</a>) .....</b> | <b>41</b> |